

AS SÁTIRAS DE ÊNIO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Eduardo Henrik Aubert

Universidade de São Paulo (USP)
(eduardo.aubert@usp.br)

DOI: [10.11606/issn.2358-3150.v2i1p3-80](https://doi.org/10.11606/issn.2358-3150.v2i1p3-80)

Letras Clássicas, v. 2, n. 1, p.3-80, 2024

AS SÁTIRAS DE ÊNIO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

Resumo: Este texto apresenta a primeira tradução para o português das sátiras do poeta republicano Quinto Ênio (c. 239-169 a.C.), transmitidas de forma fragmentária e sobre as quais pairam dúvidas de múltiplas ordens. Na introdução, procura-se identificar distintas correntes interpretativas, de que resultam percepções bastante distintas desses fragmentos. Na sequência, fragmentos e seus contextos vêm traduzidos, acompanhados de comentário destinado a esclarecer sobretudo as relações intra e inter-genéricas que contribuíram para a composição de tais poemas.

Palavras-chave: Quinto Ênio; poesia latina; sátira

THE SATIRES OF ENNIUS: TRANSLATION AND COMMENTARY

ABSTRACT: This text provides the first Portuguese translation of Republican poet Quintus Ennius' (c. 239-169 a.C.) satires; these verses survive only in a fragmentary state and are surrounded by multiple uncertainties. In the introduction, an attempt is made at identifying the main interpretative currents from which vastly different perceptions of the satires stem. In the main body of the text, fragments and their contexts are translated, followed by ample commentary that seeks to shed light upon intra- and inter-generic relations that might have contributed to the conception of these poems.

Keywords: Quintus Ennius; Latin poetry; satire

INTRODUÇÃO

A história da sátira romana no período republicano é de difícil reconstrução em razão do estado fragmentário das fontes. Mais que no caso de outros gêneros poéticos, o problema é particularmente agudo, pois se trata de período não propriamente de maturação de um gênero claramente preexistente, mas, ao que tudo indica, de verdadeira produção das principais convenções genéricas que individualizam uma tradição compositiva que retrospectivamente pôde ser compreendida como uma fase no desenvolvimento da sátira. É nesse sentido que, para Frances Muecke, naqueles que são habitualmente considerados os primeiros satiristas romanos, notadamente Ênio (c. 239-169 a.C.) e Lucílio (c. 180-103/102 a.C.), o que se tem é “um tipo de escrita determinado apenas por um conjunto muito flexível de características formais e temáticas, uma hibridização de gêneros, essencialmente uma mistura do sério e do cômico, do elevado e do rebaixado” (MUECKE 2005, 34) (mais sobre esta interpretação *infra*, nesta introdução).

A compreensão da sátira de Ênio é ainda mais difícil do que a daquela de Lucílio, pois, se, deste último, conservamos mais de um milhar de versos, do primeiro, temos apenas de trinta a quarenta linhas. É de lamentar a escassez de versos enianos, especialmente porque, dado o vínculo que o próprio Horácio estabelece entre suas sátiras e as de Lucílio (cf. *infra*), o dinamismo na elaboração do gênero deve ter sido especialmente agudo no tempo que medeia entre Ênio e Lucílio, e grande parte da dificuldade reside em saber quando diferentes passos foram dados, se é que todos o foram no sentido de um *télos* representado pela tradição pronta, o que é no mínimo duvidoso.

Diante de tal panorama – e chegamos ao que se pode conceber como uma primeira linha interpretativa das sátiras de Ênio –, é difícil apreciar o construto, de matriz horaciana, ecoado, por exemplo, por Hubert Petersmann, de que Lucílio seria o verdadeiro πρώτος εὔρετής da sátira romana, isto é, de que, para além de um estágio inicial,¹ em que a sátira indicava apenas uma espécie de *mélange* de metro, ritmo, estrutura, conteúdo, linguagem, etc., “Lucílio foi o primeiro poeta romano a introduzir mais elementos típicos nesse tipo de poesia, que, desde então, passaram a ser

1 Ou, ele mesmo, segundo relativamente a momento em que a *satura* seria espécie de ludo simples pré-literário. O argumento repousa em um passo de Tito Lívio, referindo-se ao século IV a.C.: *Et cum vis morbi nec humanis consiliis nec ope diuina levaretur, victis superstitione animis ludi quoque scenici, nova res bellicoso populo—nam circi modo spectaculum fuerat—inter alia caelestis irae placamina instituti dicuntur; ceterum parva quoque, ut ferme principia omnia, et ea ipsa peregrina res fuit. Sine carmine ullo, sine imitandorum carminum actu ludiones ex Etruria acciti, ad tibicinis modos saltantes, haud indecoros motus more Tusco dabant. Imitari deinde eos iuventus, simul inconditis inter se iocularia fundentes versibus, coepere; nec absoni a voce motus erant. Accepta itaque res saepiusque usurpando excitata. Vernaculis artificibus, quia ister Tusco verbo ludio vocabatur, nomen histrionibus inditum; qui non, sicut ante, Fescennino versu similem incompositum temere ac rudem alternis iaciebant sed impletas modis saturas descripto iam ad tibicinem cantu motuque congruenti peragebant. Liuius post aliquot annis, qui ab saturis ausus est primus argumento fabulam serere, idem scilicet—id quod omnes tum erant—suorum carminum actor, dicitur, cum saepius revocatus vocem obtudisset, venia petita puerum ad canendum ante tibicinem cum statuisset, canticum egisse aliquanto magis vigente motu quia nihil vocis usus impediabat. Inde ad manum cantari histrionibus coeptum diverbiaque tantum ipsorum voci relictas.)* (LIV., 7.2.3-10). Cf. também HOR., *Ep.*, 2.1.139-160. Warmington, entretanto, acreditava em uma relação entre esse suposto ludo antigo e a sátira eniana: “Parece que o antigo ludo nativo *satura* tendo sido substituído por peças gregas, Ênio inventou aqui uma nova forma de literatura que preservava algo do espírito essencial do tipo anterior” (WARMINGTON 1961, 383). No entanto, a passagem é questionada como relato de práticas republicanas. Retomando ponderação iniciada por Otto Jahn em 1867 e depois desenvolvida por outros estudiosos, Robert Henning Webb relata a hipótese seguinte, a nosso ver não desprezível: “tanto Lívio como Horácio estão reproduzindo, direta ou indiretamente, as teorias de algum gramático antigo, que aplicou à história literária romana os métodos dos

suas principais características” (PETERSMANN 1999, 290). Parte da literatura parece referendar essa narrativa, situando em Lucílio o elo decisivo. Registre-se, pela afinidade com essa linha explicativa, a hipótese de que Lucílio tenha pessoalmente dado o passo de efetivo afastamento da tradição iâmbica, em que teria começado a compor, devendo-se, por isso, atribuir anterioridade cronológica às sátiras dos livros 26 e 27, em metro iâmbico e com referência explícita a Arquíloco de Paros (DEUBNER 1953, 291-92). Nessa interpretação, Lucílio teria migrado, a partir de prática afim à de Ênio e que estaria em estado de fluidez genérica, para modelo que depois se estabilizaria, especialmente com a autoridade de Horácio.²

É nessa linhagem interpretativa que se inserem visões, como a sugerida por Mariana Poláková, para quem as sátiras de Ênio seriam uma miscelânea sem identidade alguma. Para a autora, “o título [que seria *Satura*] pode ter significado apenas uma coleção de poemas diversos, que não podiam ser classificados em gêneros específicos, mas que Ênio queria de todo modo publicar” (POLÁKOVÁ 2012, 173). Sobre o problema do título, cf. *infra*, nesta introdução.

É igualmente possível, entretanto – e parece-nos tratar-se de segundo filão interpretativo – que o desenvolvimento do gênero satírico possa ser compreendido como resultado do contínuo desenvolvimento de práticas helenísticas e, mais especificamente, na esteira de experimentação iniciada pelos iambos de Calímaco e continuada com base neles. Benjamin Acosta-Hughes demonstrou de diversas maneiras o processamento crítico da tradição iâmbica arcaica, notadamente dos iambos de Hipônax de Éfeso, nos ἴαμβοι calimaqueanos. Em determinados casos, a experimentação se deu

peripatéticos e, desejando fornecer um paralelo romano para cada passo no relato de Aristóteles sobre o surgimento do teatro grego, inventou deliberadamente a *satura* como um fenômeno para contrabalancear a comédia antiga ática” (WEBB 1912, 178).

2 Note-se, de todo modo, que Lucílio menciona Ênio em LUCIL., 343. Referências a Ênio em Varrão: VAR., *Men.*, 59 [*Bimarcus*], 189 [Γερωντοδιδάσκαλος], 356 [Ὀνος λύρας], 398 [*Parmeno*].

justamente no sentido do que viria a constituir a tradição da sátira romana. É o caso, por exemplo, do destinatário da crítica iâmbica: “a vítima típica da invectiva de Hipônax é um único indivíduo, e o tom está carregado de reprovação pessoal. Calímaco, é verdade, também retrata adversários pessoais, mas eles tendem a ser representativos de tipos de personalidade ou comportamento” (ACOSTA-HUGHES 2002, 42). O mesmo se pode dizer da figura do enunciador da poesia iâmbica: “a elevação do iâmbico ao nível de mídia de um *poeta doctus* e a apresentação do *poeta doctus* na veste inflamada de um poeta invectivo” (ACOSTA-HUGHES 2002, 47).

Diante de traços como esses, é compreensível que, para muitos, as sátiras de Ênio sejam intimamente relacionadas com os iambos de Calímaco. Deubner chega a questionar se não se deve “supor que Ênio obteve, por meio dos iambos de Calímaco, diretamente, o material de suas sátiras” (DEUBNER 1953, 289).³ Aduz como argumentos a predominância do trímetro iâmbico e do tetrâmetro trocaico, a variedade métrica, ela mesma característica dos iambos calimaqueanos, o frequente uso de invectiva, bem como a relação com a fábula. Desse ponto de vista – problema a que retornaremos na sequência –, opõe-se à ideia de que as sátiras de Ênio seriam poemas esparsos reunidos em forma de antologia apenas tardiamente (cf. o *testimonium* 3, *infra*), concluindo que “o próprio Ênio publicou uma coleção desses poemas” (DEUBNER 1953, 291). Afinal, haveria aqui verdadeira consciência de trabalhar nos limites de convenções genéricas, se não inteiramente firmes, ao menos relevantes.

Nessa linhagem, tomada globalmente, a distância entre Ênio e Lucílio é de somenos importância, frente aos momentos efetivamente decisivos no estabelecimento do gênero. É a tônica dos comentários de Petermann, já no ano de 1851, que sistematicamente aponta a proximidade entre os fragmentos enianos e os passos

3 No mesmo sentido, Émile Cahen escrevia que, no iambo calimaquiino, tem-se “uma primeira forma métrica da *diatribe*, que encontrará sua realização poética perfeita em Roma, na *satura* luciliana e horaciana” (CAHEN 1953, 149).

lucilianos e horacianos (PETERMANN 1851). Para o autor, “as sátiras de Ênio devem ser computadas em um único e mesmo gênero com aquelas de Lucílio” (PETERMANN 1851, 17). Russo, ainda que com matizes, vê uma mera transformação progressiva de Ênio a Lucílio, entendendo ser apenas a novidade métrica de Lucílio – ela mesma uma evolução cronológica no interior de sua obra – que teria levado ao exagero da filologia antiga de pensar em dois tipos de sátira (RUSSO 2007, 82).

No mesmo sentido, mas admitindo uma relação menos circunscrita com Calímaco, Muecke localiza as sátiras de Ênio no “espírito daquela poesia helenística que havia começado a desfazer as correlações genéricas tradicionais entre metro, elocução e assunto” (MUECKE 2005, 36). É ao lado de Herodas e Cercidas que Muecke situa a relação com “os iambos de Calímaco, que se estendem tematicamente para além da matéria iâmbica definida estritamente, acentuando a individualidade do poeta, [e] podem ser mencionados como um paralelo, se não como um modelo direto, para as sátiras de Ênio” (MUECKE 2005, 36). Indo mais além e, nisso, anunciando já, ainda que timidamente, elementos que se amoldam bem a outra narrativa, como de pronto veremos, propõe:

a variedade dos assuntos e metros de Ênio distinguem suas *Saturae* desses experimentos iâmbicos helenísticos..., mas as sátiras devem ser situadas na mesma categoria do realista e do rebaixado – que, em termos antigos, habitualmente significa linguagem coloquial e mesmo obscena (aparentemente evitada pelo próprio Ênio), uma paisagem urbana, uma concentração em personagens e uma afinidade com a comédia (MUECKE 2005, 36-37).

É com uma consciência mais aguda dessas peculiaridades que Henry David Jocelyn parece se distanciar de ambas as posições genericamente aludidas, constituindo o que se pode caracterizar como uma terceira linha interpretativa. Sem negar certa relação com os iambos de Calímaco, as sátiras de Ênio seriam elas mesmas profundamente inovadoras. Assim, segundo o autor, “a teoria de que Ênio compôs livros de poemas do mesmo modo que Calímaco

compôs seus ἴαμβοι ou mesmo se baseou amplamente nos ἴαμβοι não pode ser aceita” (JOCELYN 1972, 1025). Antes, para Jocelyn, “as sátiras devem ter sido, sob muitos aspectos, os mais inovadores e mais interessantes de todos os poemas de Ênio, e é uma pena que o tempo os tenha tratado ainda mais duramente do que tratou as tragédias ou os *Anais*” (JOCELYN 1972, 1026). É entendimento compartilhado por Edward Courtney, para quem “parece ter sido Ênio quem introduziu tanto a palavra como o gênero” (COURTNEY 2011, 7). Mais que isso, “o gênero forneceu a Ênio um veículo para expressar-se de modo não-lírico e para a moralização tão cara aos romanos” (COURTNEY 2011, 8).

Sevola Mariotti defende fortemente essa posição: “Ênio foi indubitavelmente o iniciador do gênero” (MARIOTTI 1991c, 114). O posicionamento não é inteiramente apartado da segunda corrente de interpretação – e já vimos que, entre elas, há espaço para fluidez –, já que, para Mariotti, os iampos de Calímaco são de fato o principal modelo das sátiras de Ênio (MARIOTTI 1991c, 116). No entanto, Ênio, “com a costumeira liberdade de comportamento, teria ido mais longe que Calímaco, na maior extensão de sua recolha (que compreendia ao menos quatro livros), assim como na admissão de composições hexamétricas e talvez em seu tratamento de alguns argumentos em estilo elevado” (MARIOTTI 1991c, 117).

Como hipótese – se nos é permitido pensar também de forma exploratória, a partir de posições que pretendemos, por hora, apenas caracterizar em termos amplos –, poder-se-ia aventar talvez que determinada poética, ao estabelecer nexos rígidos entre gênero, de um lado, e tema e métrica, de outro,⁴ tradição poética em que Horácio justamente se insere (cf., *inter alia*, *Ars*, 73-85; *S.*, 1.10.42-47, etc.), tenha obnubilado nexos potencialmente relevantes, coerentes e estruturados de outras poéticas, como aquela de Ênio, que, para Mariotti, teria na variedade (*uarietas*) o seu efetivo eixo dinâmico (cf., *infra*, comentário ao fragmento 25). Esse julgamento, estendido para toda a obra, seria mesmo crucial para as sátiras: “as *Saturae*

4 “Na Antiguidade, os gêneros poéticos eram identificados pela escolha dos temas e pela forma métrica” (MUECKE 2007, 37).

devem ser consideradas, em nossa opinião, a obra central e mais típica, por sua experiência estilística, de Ênio, seu legado mais pessoal para a tradição literária romana” (MARIOTTI 1991a, 78).

Ênio seria, assim, ao escrever as sátiras, um poeta helenístico, mas um poeta helenístico bastante original, que, segundo van Rooy, teve em Calímaco apenas um de seus diversos antecedentes, tratados com liberdade (van ROOY 1965, 35), vinculando-se já diretamente à poesia iâmbica arcaica, especialmente arquiloqueia (van ROOY 1965, 37). Sem dúvida, a relação já apontada por autores como Waszink (1971, 110) e especialmente por Muecke (2007, 42) entre sátira eniana e comédia, grega e latina, faz parte desse dossiê especialmente caro a quem entende ser a anterioridade de referentes não marca da inserção de Ênio em uma tradição mais ou menos pronta, mas signo da liberdade criativa com que tratava o material à sua disposição.

Neste filão interpretativo, seria possível evocar ainda, e a contrapelo da primeira corrente interpretativa, o próprio Horácio, que, em passo crucial, mas obscuro, em *S.*, 1.10.66, possivelmente se referiu a Ênio como *rudis auctor* das sátiras. Conforme nota Emily Gowers, seria possível que Horácio estivesse a estabelecer uma “distinção entre *auctor*, que deu origem à sátira, e *inuentor*, que a estabeleceu (cf. 10, 48; 2, 1, 63) por meio de um *kenning*, envolvendo *rudis* e seu local de nascimento, *Rudiae*” (GOWERS 2012, 332). Para a autora, a interpretação seria coerente com o que nos resta da sátira de Ênio, que traria já todos os traços distintivos das obras posteriores como germe. Assim, se, com um esforço interpretativo, corrigirmos o que entende como “negligência de Horácio” (no desprezar Ênio), a leitura do que restou “oferece alguns dos ingredientes da sátira posterior em forma embrionária: glutões e parasitas, fábula animal, diálogos cômicos, até uma rejeição paranoica

da malícia e um senso de um espaço urbano populoso” (GOWERS 2012, 8). A passagem, no entanto, é objeto de intensa discussão.⁵

É possível também – e pensamos aqui poder discernir talvez uma quarta linha interpretativa global das sátiras de Ênio – que, mais que de gênero satírico, deva-se falar em gêneros satíricos, no plural. Em um passo de Quintiliano, a tradição que se associa aos nomes de Lucílio, Horácio e Pérsio é oposta àquela cultivada por Varrão (cf. *testimonium* 1, *infra*). Em outro passo, do gramático Diomedes, os nomes, novamente agrupados, de Lucílio, Horácio e Pérsio, são contrapostos a Pacúvio e a Ênio (cf. *testimonium* 4, *infra*). Para Federico Brunetti, a leitura combinada desses testemunhos indicaria a existência de um gênero satírico, cultivado por Ênio, Pacúvio e Varrão, mais antigo que o da sátira hexamétrica de Lucílio, Horácio e Pérsio (CANAL; BRUNETTI 1874, 621-22).

No entanto, os fragmentos conservados não autorizam uma clara associação entre a sátira eniana e o gênero da sátira menipeia tal qual se manifesta em Varrão, que cunhou o nome. O fantástico e o aventureiro, cuja presença era, para Mikhail Bakhtin, “a característica mais importante da menipeia” (BAKHTIN 1984, 114), não se manifesta com clareza nos versos que nos foram transmitidos. Mais que isso, naquilo que se costuma nomear sátira menipeia, adverte Daniel M. Hooley, há obras “ao menos tão diferentes umas das outras quanto semelhantes” (HOOLEY 2007, 143). É possível, de todo modo, que Varrão tenha, também sob a influência de autores gregos, como Menipo de Gádara (s. III a.C.), continuado tendências presentes em Ênio, inovando dentro, e não à margem, de uma tradição em contínua transformação.

5 Por exemplo, acreditam que o *rudis auctor* é Ênio, entre outros: PETERMANN 1851, 10ss; van ROOY 1965, 31-32; discordam: WASZINK, 1971, 123; GODEL 1984, 239. Russo propõe que a referência possa ser a um autor genérico (RUSSO 2007, 68-69).



A posição de Ênio em uma tradição que remonta à poesia iâmbica arcaica, passa por Calímaco e se transmite (ou, desaguando em Varrão, opõe-se, dentro de um processo com ancestralidade comum) a Lucílio e enfim a Horácio – referências que poderiam ser multiplicadas no contexto da porosidade genérica nessa tradição que vai confluindo para a estruturação do gênero satírico – é, portanto, complexa e polêmica.

A instabilidade do gênero em formação, em uma dinâmica em que a posição de Ênio não fica imediatamente clara, gera também polêmica a respeito da forma em que Ênio concebeu aquilo que ele ou seus editores agruparam como suas *saturae*. Para Deubner, como vimos, Ênio teria organizado uma antologia de poemas satíricos de sua lavra, que, no entender de Waszink, teriam carregado o nome original de *Satura*, em seu conjunto (WASZINK 1971, 105). Já Jocelyn, retomando a controvérsia e identificando, nos autores antigos, diferentes formas de se referir às *saturae* de Ênio, propõe que “é possível que essas obras de Ênio fossem conhecidas como membros tanto de uma coleção como de livros editados separadamente. Neste último caso, é improvável que o próprio Ênio tenha sido o editor” (JOCELYN 1972, 1022). Como os testemunhos são tardios e não concordam entre si, o terreno é pedregoso, não existindo consenso na comunidade acadêmica.

No entanto, registre-se o argumento ponderoso de Russo, segundo o qual abdicar do título (para o conjunto ou para as partes) de *satura* implicaria ter de explicar como, em um momento posterior, diante de características bastante alteradas do gênero (admitindo-se que há continuidade genérica), alguém teria olhado para os poemas de Ênio e resolvido chamá-los por nome que teria, então, todas as chances de não parecer perfeitamente adaptado (RUSSO 2007, 77). Afinado, como se viu, com o que entendemos como terceira corrente interpretativa, comprometida com a insistência em uma efetiva inovação genérica nas sátiras de Ênio, e por elas promovida, Mariotti propõe hipótese interessante. Para o autor:

como no caso dos *Annales*, Ênio, ao introduzir o novo gênero literário, dava-lhe um título próprio a uma forma pré-literária latina. (...) Em certo sentido, essas *saturae*, composições (ao menos, na maior parte) de estilo humilde, estavam para as *saturae* primitivas de caráter popular como os *Annales*, obra de estilo elevado, estavam para os *annales pontificum*... (RUSSO 2007, 114-15)



As dificuldades para a compreensão das “sátiras” de Ênio no panorama do desenvolvimento genérico da sátira romana – as aspavão aqui como signo de incerteza a respeito de terem elas sido ou não concebidas de acordo com um conjunto de convenções que, mais ou menos fluidas, fossem associadas à categoria de *satura* ou mesmo a uma categoria diversamente nomeada, mas unitariamente entendida – não são, portanto, poucas e não podem ser subestimadas. Parece-nos, no entanto, que, uma vez identificadas as principais posições no campo, para enfrentá-las, é primordial que se proceda à análise antes da síntese.

Mesmo no que respeita à análise, é importante que se considere, em um momento ulterior, o que não se poderá fazer aqui, as demais obras ditas menores de Ênio. Afinal, segundo sugestão de Gratwick, com relação à possível atribuição de algumas das obras ditas menores à recolha das sátiras:

argumentos usados em estudos recentes para separar as *Saturae* de obras menores que carregam um nome não são conclusivos, já que sabemos pouco demais sobre a antiga transmissão de qualquer das obras em questão. É, de todo modo, um erro grave, ao traçar a história do gênero satírico, estabelecer uma clara distinção qualitativa entre aquelas obras de Ênio referidas como *Saturae* e todo o resto e focar a atenção nas primeiras (GRATWICK 1982, 159).

A posição é polêmica.⁶ Mas é justamente como um primeiro passo na direção de uma apreciação global dessas obras que apresentamos, na sequência, os testemunhos antigos sobre as sátiras de Ênio, bem como o texto de cada fragmento supérstite dessas sátiras, segundo a edição de Blänsdorf (2011, 74-79) – cuja numeração seguimos na identificação dos fragmentos – cotejada com as de Russo (2007, 51-57), Courtney (2011, 7-21) e de Goldberg e Manuwald (2018b, 270-85), e eventualmente complementada por elas. Para cada fragmento, oferecemos uma tradução para o português e um esboço de comentário, interessado especialmente na identificação de passos comparáveis que possam elucidar os vetores intra e inter-genéricos que contribuíram para a composição de tais (restos de) poemas.⁷ A apreciação global dos resultados dessa arqueologia da “sátira” eniana fica postergada ao complemento necessário desta publicação pelo estudo das ditas “obras menores”.

6 Para Waszink (1971, 106), obras menores e sátiras deveriam ser claramente distinguidas.

7 Todos os fragmentos de Ênio citados neste texto são por nós mesmos traduzidos. As demais edições empregadas neste texto estão referidas na bibliografia. Para casos de referências pontuais que não mereciam a referência bibliográfica desenvolvida, servimo-nos das edições mais recentes das coleções *Budé* ou *Loeb*.

TRADUÇÃO DOS TESTEMUNHOS

1. QUINT., *Inst.*, 10.1.93-95.

[93] Satura quidem tota nostra est, in qua primus insignem laudem adeptus Lucilius quosdam ita deditos sibi adhuc habet amatores, ut eum non eiusdem modo operis auctoribus, sed omnibus poetis praeferre non dubitent.

94. Ego quantum ab illis, tantum ab Horatio dissentio, qui Lucilium “fluere lutulentum” et “esse aliquid quod tollere possis” putat. Nam et eruditio in eo mira et libertas atque inde acerbitas et abunde salis. Multum est tersior ac purus magis Horatius et, nisi labor eius amore, praecipuus. Multum et uerae gloriae quamuis uno libro, Persius meruit. Sunt clari hodieque et qui olim nominabuntur. 95. Alterum illud etiam prius saturae genus, sed non sola carminum uarietate mixtum condidit Terentius Varro, uir Romanorum eruditissimus. Plurimos hic libros et doctissimos composuit, peritissimus linguae Latinae et omnis antiquitatis et rerum Graecarum nostrarumque, plus tamen scientiae conlaturus quam eloquentiae.

[93] A sátira, por sua vez, é toda nossa, e Lucílio, que foi o primeiro a se tornar nela insigne, tem ainda devotos, que lhe são tão dedicados, que não hesitam em preferi-lo a outros autores do gênero e mesmo a todos os outros poetas. 94. De minha parte, eu me afasto tanto dessa opinião, quanto da de Horácio, que julga que Lucílio “corre lamacento” e que “tem coisas que se poderia suprimir”. Pois sua cultura é admirável assim como sua independência, e disso [obtem] sua acribia e sal em abundância.⁸ Muito mais terso e deveras puro é Horácio, e a menos que eu esteja enviesado por minha preferência por ele, é o mais notável. Pérsio mereceu uma grande e justificada reputação, embora tenha escrito um único livro. Há outros satíricos célebres hoje, que um dia terão renome. 95. Terêncio Varrão, o homem mais erudito dentre os romanos, compôs anteriormente também aquela outra espécie de sátira, mas compôsita não apenas pela variedade dos metros. Ele escreveu muitas obras extremamente eruditas, profundo conhecedor que era da língua latina, de tudo que há de antigo e das coisas gregas e latinas, mas sua contribuição será mais útil à ciência que à eloquência.

8 A referência é a HOR., *S.*, 1.10.3-4.

2. Porfirião, comentário a HOR., S., 1.10.46-48 [*Hoc erat, experto frustra Varrone Atacino / atque aliis melius quod scribere possem, / inuentore minor*]

Quoniam alii <alia> carminum genera consummate scriberent, quorum mentionem habuit, sermonum autem frustra temp-
tasse<t> Terentius Varro Narbonensis, qui Atacinus ab Atace fluuio dictus est, item Ennius qui quattuor libros Saturarum reliquit, et Pacuuius huic generi uersificationis non suffecissent, <s>e ide<n> scribere ait ita, ut aliis maior sit, Lucilio minor. Quem inuentorem huius operis merito dixit, quia primus Lucilius huius modi carmina scripsit.

Enquanto outros que ele [Horácio] mencionou teriam escrito outros gêneros de poemas com excelência, Terêncio Varrão Narbonense, chamado Atacino a partir do Rio Atax, teria tentado, em vão, o gênero das sátiras [*sermonum*], e assim também Ênio, que deixou quatro livros de sátiras, e Pacúvio não tiveram forças suficientes para esse gênero de versificação. Ele [Horácio] diz que o escreve para ser melhor que os outros, mas menos bom que Lucílio, que, com razão, [Horácio] diz ter sido o inventor desse gênero [*operis*], pois Lucílio foi o primeiro a escrever poemas desse tipo.

3. Porfirião, comentário a HOR., *Ep.*, 1.3.1-2 [*Iuli Flore, quibus terrarum militet oris / Claudius Augusti priuignus, scire laboro.*]

Ad Iulium hanc Florum scribit, qui saturam scripsit: *Iuli Flore, quibus terrarum militet oris. Hic Florus scriba fuit saturarum scriptor, cuius sunt electae ex Ennio Lucilio Varrone saturae.*

Ele escreveu esta [epístola] a Júlio Floro, que pôs sátiras por escrito: *A Júlio Floro, nas regiões da terra em que esteja como soldado.* Esse Júlio Floro, um escriba, foi compilador de sátiras, as quais são selecionadas dentre as de Ênio, Lucílio e Varrão.⁹

9 Registramos aqui a tradução de Goldberg e Manuwald, que depende de uma interpretação bastante diferente da nossa: “He writes this to Iulius Florus, who wrote satire: ‘Iulius Florus, in which regions of the earth he is campaigning.’ This Florus, a secretary, was a writer of satires, whose satires were distinguished among [those of] Ennius, Lucilius, and Varro” (GOLDBERG; MANUWALD 2018a, 35).

4. Diomedes, GLK I 485

Satura dicitur carmen apud Romanos, nunc quidem maleficum et ad carpenda hominum vitia archaea comoediae caractere compositum, quale scripserunt Lucilius et Horatius et Persius, sed olim carmen quod ex variis poematibus constabat satura vocabatur, quale scripserunt Pacuvius et Ennius.

Chama-se sátira um tipo de poema entre os romanos; atualmente é difamatória e composta para vituperar os vícios humanos ao modo da comédia antiga. Esse tipo de sátira foi escrito por Lucílio, Horácio e Pérsio, mas antes *satura* era o nome de uma composição em verso consistindo de poemas diversos, tais como os que Pacúvio e Ênio escreveram.

TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DOS FRAGMENTOS

LIVRO I

7 NON. 761L (474 M) =
VAHLEN 1:

conuiuant pro conuiuantur...
Ennius satyrarum lib. I:

*malo hercle magno suo conuiuat
sine modo*

7 Nônio Marcelo, *De compendiosa doctrina*, 761L (474 M) =
VAHLEN 1:

conuiuant, por *conuiuantur*... Ênio
no livro I das sátiras:

*Por Hércules, para seu grande mal,
banqueteia desmedidamente.*

Metro: senário iâmbico

Comentários:

O excerto chamou a atenção do gramático Nônio Marcelo (s. IV-V d.C.) em razão de *conuiuo* vir aí tratado como ativo, o que era, ademais, regra em época pré-ciceroniana, e não como deponente. Assim, nas *Attelanae*, de Pompônio, lê-se: *Si calendis <domi> conuiuant, idibus cenant foris* (RIBBECK 85). A exceção, notada por Courtney, é de excerto de Terêncio: *scortari crebro nolunt, nolunt crebro conuiuarier* (*Hau.*, 206), em que, no entanto, o verbo pode ter sido manipulado intencionalmente para ressaltar um valor médio. Note-se, contudo, conforme indica nossa tradução, que se trata do verbo *conuiuare*, e não de *conuiuere*, atestado apenas tardiamente

(RUSSO 2007, 86). Daí que não se deva traduzir com o subjuntivo (“banqueteie”), mas com o indicativo (“banqueteia”).

Há discussão, iniciada com Bothe, em 1837, sugerindo que o verso seria repartido entre duas personagens, com pontuação após *conuiuat* (COURTNEY 2011, 8). Nesse caso, *sine* seria imperativo de *sino*, e *modo* seria um advérbio; a resposta significaria algo como “permita logo”. É o caso de diversas passagens da comédia (PL. *Mos.*, 11-12; *Poen.*, 1146; *TER., Eu.*, 65; *Ph.*, 420). No entanto, em prol da leitura aqui adotada, pode-se aduzir PL., *Bac.*, 613 (*sine modo et modestia sum, sine bono iure atque honore*). Essa solução não apenas permite entender o verso como uma unidade de sentido, mas, mais que isso, associa o verso em questão à crítica, fundamental na tradição satírica latina, à falta de medida nas coisas, especialmente na alimentação. Evidentemente, contudo, não há solução taxativa.

Interessa notar, já na esteira dos últimos textos referidos, que, a par do metro, também a linguagem empregada aproxima o verso em questão da comédia latina, o que já foi notado, dentre outros, por Courtney, para quem, em nosso fragmento, “a dicção é claramente cômica” (COURTNEY 2011, 9).¹⁰ A expressão *malo tuo*, ou *suo*, com ou sem a preposição *cum*, frequentemente reforçada pelo adjetivo *magno* e acompanhada de interjeições como *ecastor* e *herc(u)le*, é encontrada amiúde nas comédias de Plauto: *olet homo quidam malo suo* (*Am.*, 321); *ne tu hercle cum magno malo mihi obuiam accessisti* (*As.*, 412); *malo hercle iam magno tuo, ni isti nec recte dicis* (*As.*, 471). Cf., ainda: *Aul.*, 425; *Cas.*, 489, 576 e 825; *Cur.*, 194; *Men.*, 1013; *Mil.*, 492; *Rud.*, 656; *Truc.*, 945. Em Terêncio: *sine tuo magno malo* (*An.*, 180). Também Lucílio a aproveitou no gênero satírico em construção: *malo hercle uestro, confectores cardinum* (LUCIL., 773).

Embora o excerto seja demasiado curto para que se especule muito profundamente sobre o sentido a se lhe conferir, para além do contexto simpótico tratado sob uma chave cômica, não se pode, justamente pela relação com a comédia, desprezar a possibi-

10 Para Russo, é “quase uma expressão formular” e, mais que isso, “locução típica da *palliata*” (RUSSO 2007, 87 e 87, respectivamente).

lidade de uma leitura metapoética. Assim, o comediógrafo grego Metagenes (s. V a.C.), em fragmento da peça Φιλοθύτης, trata a variedade dos episódios oferecidos aos espectadores como tantos acompanhamentos ao prato principal da peça: κατ' ἐπεισόδιον μεταβάλλω τὸν λόγον, ὡς ἄν / καιναῖσι παροψίσι καὶ πολλαῖς εὐχῆσω τὸ / θέατρον (STOREY 15). Poder-se-ia, assim, especular sobre os possíveis ecos do banquete desmedido na própria ideia das variegadas sátiras oferecidas por Ênio em seu livro.

8 NON. 820 L (510 M) =
VAHLEN 2:

celere pro celeriter... Ennius
satyrarum lib. I:

dum quicquid <des> des celere

8 Nônio Marcelo, *De compendiosa doctrina*, 820 L (510 M) =
VAHLEN 2:

celere, por *celeriter*... Ênio no livro
I das sátiras:

quando deres algo, dá rapidamente

Metro: parte de senário iâmbico

Comentários:

O trecho chamou a atenção de Nônio Marcelo pela presença do advérbio *celere*, no lugar do clássico *celeriter*. Ele se encontra em outros autores republicanos: *nunc te obtestor, celere sancto subueni censorio!* (PAC. [Paulus] RIBBECK 2-3); *ita nunc subito, propere et celere obiectum est mihi negotium* (PL., *Cur.*, 283). Cf., ainda, PL. *Trin.*, 668; TER., *Ph.*, 179.

Em termos gerais, o fragmento aponta para a presença de excertos gnômicos já nas sátiras enianas, como será comum no gênero tal qual posteriormente praticado (cf., exemplificativamente, HOR., *S.*, 1.2.24; 2.2.1). Essa inclusão aproxima as sátiras já da comédia antiga (e.g., pela indicação explícita de se tratar de máxima: Crátino em STOREY 28, 32 e 182; Platão em STOREY 188; Teopompo em STOREY 70) e da comédia nova (também com indicação explícita: MEN., *Asp.*, 189-91 e 372-73). Menandro chega a pôr em cena personagem que exagera no uso das máximas e que é por isso recriminada (γνωμολογεῖς, τρισάθλιε; MEN., *Asp.*, 414).

De forma muito interessante para esta investigação, conteúdo gnômico pode ser localizado também nos iambos de Calímaco.

É o caso de um fim de verso no iambo 4 (ἄριστον ἢ σωπὴ, CALL., *Iamb.*, 59), mas, mais amplamente, de acordo com a diégese, de todo o iambo 11, que se ocupa de explicar a forma correta de um provérbio. Infelizmente, entre a localização incidental, em pedaço de verso, e a localização estrutural, que condiciona o desenvolvimento de todo um poema, com toda a ampla gama de possibilidades intermediárias – como, por exemplo, a de funcionar como máxima ao fim de um apólogo –, a brevidade do que foi preservado no excerto eniano não permite decidir.

No caso em questão, trata-se de máxima com relevante tradição literária, podendo ser identificada de forma muito próxima em fragmento de mimo de Publílio Sírio, supérstite como *sententia: inopi beneficium bis dat qui dat celeriter* (PUB., *Sent.*, I, 6) (cf. ERLER 1986).

LIVRO II

9 SERV. A. 12, (589 Th-H) =
VAHLEN 3-4:

“pilataque plenis / agmina”: hoc est pilis armata... uel certe “pilata” fixa et stabilia... nam et Graeci res densas et artas πλωτά dicunt. Ennius satyrarum II:

*contemplor
inde loci liquidas pilatasque aetheris
oras*

cum firmas et stabiles significaret quasi pilis fultas.

9 Mauro Sêrvio Honorato, *Comentário à Eneida* (589 Th-H) =
VAHLEN 3-4:

“e tropas / cheias de lanças”: isto é, armadas com lanças... ou na verdade *pilata* [quer dizer] fixas e firmes... pois também os gregos chamam πλωτά as coisas densas e compactas. Ênio no [livro] II das sátiras:

*contemplo
desse lugar os limites límpidos e
fixados do éter*

ao denotar que são fixas e firmes, como se sustentadas por dardos.

Metro: hexâmetro dactílico, com fim espondaico no primeiro verso

Comentários:

O gramático latino Mauro Sêrvio Honorato (s. IV-V. d.C.) citou o fragmento no contexto de seu comentário à obra de Virgílio, indi-

cando Ênio como possível fonte da dicção virgiliana em passo do canto XII da *Eneida*, mais especificamente no emprego do adjetivo *pilatus* no sentido de denso ou compacto. Cf., para expressão semelhante à virgiliana, HOR. S., 2.1.13-14.

Sobre a exata imagem evocada pelo passo, há polêmica, entendendo alguns que se trata da figuração das regiões do céu apoiadas sobre colunas (e se pensa já em *Od.*, 1.53ss) (MARIOTTI 1991b, 150, citando outras fontes). Russo, no entanto, entende que a imagem é do ar comprimido, o que “se justifica tendo presente a concepção do céu como invólucro rígido, consequência de matéria (normalmente o ar) condensada” (RUSSO 2007, 98).¹¹ Se, em uma ou outra interpretação, pode-se pressupor, como Waszink, que se trata de “uma contemplação, uma θεωρία do universo” (WASZINK 1971, 35), é problema bastante mais complexo, que deverá permanecer sem resposta definitiva, mas sobre o qual, pensamos, pode-se avançar um pouco.

Dois passos, a nosso sentir, merecem alguma ponderação. O primeiro é fragmento atribuído aos *Anais* de Ênio em que *pila* vem tratado em sentido próprio: *Pila retunduntur uenientibus obuia pilis* (“as lanças são rebatidas por lanças em sentido contrário”) (VAHLEN 570). O segundo é um símile de Plauto, em contexto que pode evocar alguma associação cósmica ou mesmo cosmogônica: *enim uero di nos quasi pilas homines habent* (*Capt.*, 22). Em conjunto, eles parecem contribuir para a ideia de que a imagem da lança não deva desaparecer completamente da compreensão do fragmento.

Como sugerido pelo metro, o fragmento está estreitamente relacionado com o gênero épico. Examine-se.

A dicção tem exemplos comparáveis nos *Anais*. Assim, por exemplo, a construção dos dois últimos pés com um trissílabo no genitivo, seguido de *oras*: ... *omnes auidi spectant ad carceris oras* (“todos olham ávidos aos limites do portão”) (VAHLEN 85); *tu produxisti*

11 Assim, para o autor, mantém-se o sentido do “verbo πιλέω e derivados que, nos físicos gregos, aparece especializado para indicar a compressão da matéria” (RUSSO 2007, 99).

nos intra luminis oras (“nos conduziste para dentro dos limites da luz”) (VAHLEN 114); *at sese sum quae dederat in luminis oras* (“mas estou com ela, que dera aos limites da luz”) (VAHLEN 122). Essas formulações se reencontram na épica latina posterior e têm origem grega.¹²

A expressão *inde loci*, com genitivo partitivo, também se encontra nos *Anais*: *constitit inde loci propter sos dia dearum* (“a deusa das deusas ficou naquele lugar, próxima deles”) (VAHLEN 22); *inde loci lituus sonitus effudit acutos* (“daquele lugar, um trompete despejou sons agudos”) (VAHLEN 530). Trata-se de “sintagma muito frequente em latim arcaico” (RUSSO 2007, 97), que coloca o problema de seu valor espacial ou temporal (RUSSO 2007, 97). Distintamente de *carceris oras*, que é marca clara da dicção épica elevada, *inde loci* pode não o ser (RUSSO 2007, 98). Afinal, além da épica e da tragédia (*interea loci*, ΡΑC. [Chryses], RIBBECK 76), com outros advérbios, o *loci* genitivo partitivo figura, por exemplo, em Plauto: *Quid istuc est? aut ubi istuc est terrarum loci?* (As., 32); *Modo pol percepi, Libane, quid istuc sit loci* (As., 36); *Di immortales, ubi loci sunt spes meae?* (Rud., 1161).

O emprego de *contemplor*, depoente, encontra-se em outro fragmento eniano: *corpus contemplatur unde corporaret uulnere* (“ele contempla o corpo de onde pudesse matar com uma ferida”) ([*Andromeda*] VAHLEN 114). Em forma ativa, está em PL., *Per.*, 564; em forma depoente, em PL., *Poen.*, 1129.

O substantivo *aether*, enfim, é encontrado, em latim, a partir de Ênio (MELO 2019, 662) e figura particularmente nos *Anais*: *inte-*

12 Sobre VAHLEN 122: “A expressão metafórica *in luminis oras* (‘nas regiões da luz’; ‘à luz do sol’, ‘à vida’) é referida ao nascimento, neste passo eniano e em numerosos outros passos de poesia, de sentido análogo (cfr. Lucr. 1.22, 170, 179; 2.577; 5.781; Verg. *Georg.* 2.47; *Aen.* 7.660). A imagem, em conexão com *producere*, é muito frequente (Plaut. *Capt.* 100), mas é de segura origem grega (Plat. *Leg.* 869c; Plut. *Mor.* p. 552 D; Pollux 3.8). Não é fácil estabelecer se, na fortuna que a expressão conheceu na sucessiva poesia latina, foi conscientemente percebida uma coloração original eniana” (ESPOSITO 2002, 73).

rea fax / occidit Oceanumque rubra tractim obruit aethra (“enquanto isso a tocha / advém e um éter rubro lentamente cobre o Oceano”) (VAHLEN 435); *clamor ad caelum uolendus per aethera uagit* (“um clamor, desenrolando-se ao céu, ruge pelo éter”) (VAHLEN 531). Trata-se, segundo, Giorgio Jackson, de “sinônimo expressivo de *aer*” (JACKSON 2009, 329). Mesmo em grego, a palavra vem relacionada à elocução elevada, como fica evidente pela crítica direta, em Aristófanes, à afetação de linguagem de determinadas personagens que empregam o termo (*Av.*, 1393; *Ra.*, 311) bem como por seu emprego em invocações (*Nu.*, 263; *Ra.*, 892) e em relação com relatos cosmogônicos (*Th.*, 14, 55, 65). Essa relação com relatos cosmogônicos é persistente nos textos latinos. Assim, já em Pacúvio: *Mater est terra: ea parit corpus, animam aeter adiugat* (PAC., [Chryses], RIBBECK 93). O tragediógrafo é cômico do empréstimo: *Id quod nostri caelum memorant, Grai perhibent aethra* (PAC., [Chryses], RIBBECK 89). Satiristas posteriores, como Lucílio e Varrão, em elocução elevada, também se referem ao *aether*: *Aetheris et terrae genitabile quaerere tempus* (LUCIL., 1);¹³ [*perque*] *uias stelligeras aetheris explicans aere cauo sonitum † hic in coturnis* (VAR., *Men.* [Sesqueulixes], 465). Cf., também, associando *liquidus* e *aether*: *Non usitata nec tenui ferar / penna biformis per liquidum aethera / uates* (HOR., *Carm.*, 2.20.1-3).

Tem grande interesse, para a discussão presente, fragmento do *Euhemerus*, em que Ênio indica que o nome *aether* é o nome antigo do que Júpiter, em homenagem a seu avô, passou a chamar de *caelus*: *deinde Pan eum deducit in montem, qui uocatur Caeli stella. postquam eo ascedit, contemplatus est late terras ibique in eo monte aram creat Caelo primusque in ea ara Iuppiter sacrificauit. in eo loco suspexit in caelum quod nunc nos nominamus, eique quod supra mundum erat, quod aether uocabatur, de sui aui nomine caelum nomen indidit idque Iuppiter quod aether uocatur placans primus caelum nominauit eamque hostiam quam ibi sacrificauit, totam adoleuit.* (“Então Pã o conduziu a um monte, que é chamado Estela de Caelus. Depois que ele o

13 Neste caso, uma alusão crítica, argumenta Charpin, pois Lucílio renunciaria “ao estudo dos segredos da natureza e das coisas celestes” (CHARPIN 1978, 191).

subiu, ele examinou as terras amplamente e lá no monte ele funda um altar para Caelus, e Júpiter foi o primeiro a sacrificar naquele altar. Naquele lugar ele olhou para cima, para o céu, como nós agora o chamamos, e àquilo que estava acima do mundo, que costumava ser chamado éter, ele deu o nome de céu (*caelum*), do nome de seu avô, e, aplacando o que se chama éter, Júpiter foi o primeiro a chamá-lo de céu, e aquela vítima que ele lá sacrificou ele queimou completamente.”) (VAHLEN *Var.* 99-106)

Essa longa passagem interessa, no presente contexto, pensamos, porque, à discussão sobre o próprio termo *aether*, acrescentam-se expressões que de perto se acostam com a dicção de nosso fragmento. Primeiramente, *contemplatus est*, que se associa ao *contemplor* do fragmento satírico. Em seguida, *ibique*, na sequência de *contemplatus est*, e *in eo loco*, associado ao verbo *suspexit*, que se aproximam do *inde loci* de nosso excerto. As correlações adensadas entre os fragmentos, bem como os peculiares contextos poéticos de menção ao *aether* na literatura grega e latina, parecem subsidiar a atribuição do fragmento das sátiras a um contexto de visão cósmica, neste caso narrada em primeira pessoa, mas sem que se possa dizer se a primeira pessoa se refere ao poeta ou a alguma personagem do poema.

Estabelecida assim a relação entre o fragmento e o gênero épico mais amplamente e as visões cósmicas mais particularmente, resta demandar sobre a relação entre épica e sátira. Sem que se possa avançar muito a respeito da qualidade em que a matéria e a elocução épicas vêm tratadas nas sátiras de Ênio, pela perda de contexto poético, cabe indicar que, já antes de Ênio, gêneros fundamentais para a estruturação da sátira absorviam criticamente, na qualidade de paródia, a tradição épica. Assim, por exemplo, o *Ateneu* atribui a Hipônax a invenção da paródia épica (WEST 128). Há muitas imitações épicas na comédia antiga, o que faz parte de um conjunto mais complexo de citações multigenéricas na comédia, em que a tragédia tem, sem dúvida, lugar de destaque. Caso extenso é a paródia da *Teogonia* em AR. *Av.*, 693ss. Do mesmo modo na comédia nova: MEN., *Th.*, 36ss; e na *palliata*: PL., *Rud.*, 1161.

Satíricos posteriores a Ênio recorrem, por exemplo, a invocações moldadas na época: HOR., *S.*, 1.6.5 e 20-23; JUV., 4.34ss..

10 NON. 214 L (147 M) =
VAHLEN 5:

obstrigillare, obstare. Ennius
satyrarum lib. II :

*restitant occurrunt obstant obstri-
gillant obagitant*

10 Nônio Marcelo, *De compen-
diosa doctrina*, 214 L (147 M) =
VAHLEN 5:

obstrigillare: obstar. Ênio no [li-
vro] II das sátiras:

*resistem, opõem, obstant, impedem,
vexam*

Metro: septenário trocaico

Comentários:

O gramático Nônio Marcelo teve sua atenção chamada pelo uso de um verbo raro, *obstrigillo* (de que há uma variante, com infixo nasal, *obstringillo*), mais comum em autores republicanos, mas que pode ser encontrado também em Sêneca: *nunc enim multa obstrigillant et aciem nostram...* (SEN., *Ep.* 115.6). Na tradição satírica, a palavra recorre nas menipeias de Varrão: *Lex neque innocenti propter simultatem obstrigillat neque nocenti propter amicitiam ignoscit* (VAR., *Men.* [Manius], 264) *aemulum illius artis atque obstrigillatorem, quae propter aliquot annos quaesti nihil fecerit...* (VAR., *Men.* [Prometheus liber], 436). Mas ela também figura em seu *De re rustica*, sugerindo que não se trata de termo de imediata associação com o gênero satírico: *inuides tanto scriptori et obstrigillandi causa figlinas reprehendis* (VAR. R., 1.2.24).

É significativo que o verbo que chamou a atenção de Nônio por sua raridade venha em uma sucessão assindética de verbos conjugados. Note-se de passagem que o primeiro deles, também raro, recorre em Ênio: *Menelaus me obiurgat; id meis rebus regimen restitat* (“Menelau me repreende; esse controle se opõe às minhas coisas”) ([*Iphigenia*], VAHLEN 224). Vejam-se, em Ênio, em um fragmento trágico e em outro de localização incerta, provavelmente dos Anais: *incedunt, incedunt; adsunt; me expetunt* (“eles vêm, eles vêm, eles estão aqui, eles me almejam”) ([*Alcmeo*], VAHLEN 28); *fientes plorantes lacrumantes obtestantes* (“chorando, implorando, derramando lágrimas, protestando”) (VAHLEN 103). Comentando o úl-

timo deles, Jackson classificou-o como figura complexa: “evidente e insistente, quase obsessivo homeoptoto unido a homeoteleuto...” (JACKSON 2009, 194). Lausberg, contudo, propunha uma designação particular, ocupando-se de outras ocorrências: “sinonímia geminadora...”, consistente em “sinônimos em posição de contato” (LAUSBERG 1967 [§655], 126).

A figura é complexa, e, com relação ao fragmento *flentes plorantes lacrumantes obtestantes*, Jackson formula ideia que nos parece ter valor amplo, relevante também para a compreensão de nosso excerto: “[a] sequência de sinônimos ou variantes de um mesmo conceito não é uma repetição da mesma noção, mas é funcional para a intensificação dos significados de cada termo, na medida em que cada um deles acrescenta ao outro uma tonalidade psíquica e emocional diversa e com crescente tom ‘afetivo’, como ocorre nas *carmina* da poesia sagrada arcaica” (JACKSON 2009, 194). Afinal, o próprio Quintiliano entende que a repetição de termos ou expressões sinônimas pode ser viciosa, se inútil e pesada, ou virtuosa, se acresce ao sentido ou o torna mais manifesto (*Inst.* 9.46).

Esses encadeamentos de verbos, mas também de substantivos e adjetivos, são comuns na comédia, a ponto de Muecke, comentando nosso fragmento, falar em um “estilema cômico dos verbos em assíndeto” (MUECKE 2007, 42; cf. também WASZINK 1971, 134-35). Assim, por exemplo, em Plauto: *amanti supparasitor, hortor, asto, ammono, gaudeo* (PL., *Am.*, 993). Como veremos de pronto, a figura não é exclusiva da comédia, mas, antes, convém distinguir entre ao menos dois subtipos, por assim dizer.

O primeiro é o de verbos (mas também outras classes de palavras, notadamente substantivos) que são, *grosso modo*, sinônimos: Cecílio: *ita plorando orando instando atque obiurgando me optudit* ([*Plocium*] RIBBECK 150); *clamo postulo obsecro oro ploro atque inploro fidem* ([*Synephebi*] RIBBECK 212); Juvêncio: *quod potes, sile cela occulta tege tace mussa mane* ([*Anagnorizomene*] RIBBECK 1); Plauto: *opstant, opsistunt, incedunt cum suis sententiis* (PL., *Cur.*, 291); *orant, ambiunt, exopsecrant; te compellare et complecti et contrectare* (PL., *Mil.*, 1052); *opsecro te resecoque* (PL., *Per.*, 48); *ut mihi supersit, suppetat, supersti-*

tet (PL., *Per.*, 331); Terêncio: *facite fingite invenite effcite qui detur tibi* (TER., *An.*, 334); *sed ex adsentando indulgendo et largiendo*, Micio (TER., *Ad.*, 987).¹⁴ Já na comédia grega: Ferecrates, *Pet.*, STOREY 144; AR., *Eq.*, 66, 251-52.¹⁵

Esses exemplos convidam já a duas observações. Em primeiro lugar, a repetição é de termos não apenas semanticamente, mas também morfológicamente próximos. Assim, com os mesmos prefixos: *obstant, obsistunt, te conpellare et conplecti et contrectare, supersit, suppetat, superstitet*; com as mesmas raízes: *ploro atque inploro, obsecro te resecro*.¹⁶ Em segundo lugar, note-se, diante desses exemplos, que não parece que o próprio da sequência seja o assíndeto; afinal, sequências de verbos em polissíndeto, também com termos de valor semântico próximo fazem parte do repertório da comédia antiga e devem ser aproximadas, e não apartadas, de casos como o aqui comentado.

O segundo caso é o de verbos que designam um encadeamento de ações: Lívio Andrônico: *edi bibi lusi* (fragmento de nome incerto, RIBBECK 5); ... *me retines, reuocas, rogitas* (PL., *Men.*, 114); *non domi est, abiit ambulatum, dormit, ornatur, lauat, / prandet, potat: occupata est, operae non est, non potest* (PL., *Mil.*, 251-52); *ornantur, lauantur, tergentur, poliuntur* (PL., *Poen.*, 229). Também na comédia grega: AR., *Ach.*, 30-31; *Eq.*, 48; *Nu.*, 441-43; *V.*, 1305; *Pax*, 341-44.

É evidente que, em alguns casos, por se tratar de ações semanticamente próximas (por exemplo, um conjunto de suplícios corporais), a divisão entre os extremos vai algo esfumada: Afrânio:

14 Traço interessante é que, em geral, em Terêncio, a sequência de termos não preenche o verso todo com, um pouco como os modelos da comédia nova.

15 Na comédia nova, a figura é muito menos frequente e, em geral, empregada preferencialmente para o caso de ações distintas e encadeadas: MEN., *Georg.*, 60; *Dysc.*, 548.

16 Cf., também, em cúmulos não verbais: *Domi habet animum falsiloquom, falsificum, falsiurium* (PL. *Mil.*, 191). Já em Aristófanes: *μαρὲ καὶ παμμίᾳρε καὶ μαρῶτατε* (*Pax*, 183 = *Ra.*, 466), exemplo que indica bem o caráter intensivo desses encadeamentos de palavras.

offendit, fregit, rupit, icit poculo ([*Simulans*] DAVIAULT 308); *Turpílio: detegere despoliare opplereque adeo fama ac flagitis* ([*Paedium*] RIBBECK 162); *iactor [crucior], agitor, stimolor, uorsor / in amoris rota, miser exanimor, / feror, differor, distrahor, diripior, / ita nubilam mentem animi habeo* (PL., *Cist.*, 206-09); *uenit ipsus ultro lacrumans orans obsecrans / fidem dans, iurans se illam ducturum domum. / ignotumst, tacitumst, creditumst* (TER., *Ad.*, 472-74).

Note-se que, conforme já anunciado, o procedimento ocorre também na tragédia, de modo que não é inteiramente adequado descrevê-lo como “estilema cômico”, nos termos de Muecke referidos *supra*. Exemplificativamente, em *Ácio*, primeiramente com termos sinônimos: *gaudent, currunt, celebrant, herbam conferunt, donant, tenent* ([*Meleager*] DANGEL 505); *Egredere, exi, ecfer te, elimina urbel!* ([*Phoenissae*] DANGEL 564); *Heus, uigiles, properate, expergite / pectora tarda sopore, exsurgite!* ([*Antigona*] DANGEL 579-80). E, com termos que designam ações sucessivas, se bem que semanticamente próximas: *Constitit, cognouit, sensit* ([*Melanippus*] DANGEL 533); *Rex, quae in uita usurpant homines, cogitant, curant, uident / quaeque agunt uigilantes agitantque, ea si cui in somno accidunt* ([*Brutus*] DANGEL 603-04). Note-se, especialmente, verso que promove o acúmulo no mesmo sentido do fragmento aqui comentado, citado por Cícero no *Pro Sestio* (20.45) e atribuído por SCHAUER 16 a uma tragédia de autor incerto: *restitisses, rep<p>ugnasses, mortem pugnans appetisses*. As muitas ocorrências em *corpus* tão fragmentário como a tragédia republicana milita muito fortemente contra conclusões apressadas relativas à pertinência genérica desse “estilema”.

Parece, no entanto, significativo, no contexto de que nos ocupamos,¹⁷ que o procedimento seja repetidamente empregado por *Lucílio*, ainda que com uma aparente preferência pelo encadeamento de termos não-sinônimos: *rador subuellor desquamor pumicor ornor / expolior pingor* (LUCIL., 264-65); *muginamur molimur subducimur* (LUCIL., 294); *languor obrepsitque pignor torporque quietis* (LUCIL., 391); *hic*

17 Mas não na tradição satírica posterior. Em *Horácio*, o procedimento é raro e não preenche o verso todo, e.g. *re uera pugnent, feriant uitentque mouentes* (HOR., *S.*, 2.7.99).

cruciatur fame / frigore inluuie inbalnitie inperfunditie incuria (LUCIL., 599-600); *nos esse arquatos! surgamus eamus agamus* (LUCIL., 1092). Essas ocorrências sugerem, como destaca Charpin, efeitos de sentido.¹⁸

No caso em questão, em que o cúmulo é de verbos sinônimos, novamente por falta de contexto suficiente, é difícil pensar exatamente nos efeitos de sentido que poderiam ser atingidos, embora a ideia de intensificação da resistência oposta (por não se sabe quem a não se sabe o quê) pareça, por si mesma, evidente. De todo modo, comentando uma ocorrência específica de verbos que remetem à ação física de enfrentamento ou de luta, em TER., *Ad.*, 319 (*ceteros ruerem agerem raperem tunderem et prosternerem*), Marouzeau fornece chave de leitura que é sugestiva para nós: “Fanfarronada como aquelas que os poetas cômicos habitualmente atribuem ao *miles gloriosus*. O efeito é incrementado pelas acumulações de sílabas homófonas: *arriperem, statuerem, eriperem, darem, ruerem, agerem, raperem, tunderem, prosternerem*, seguindo um procedimento familiar para Terêncio” (MAROUZEAU 1949, 128, n.2).¹⁹

LIVRO III

11 NON. 48 L (33 M) =
VAHLEN 6-7:

11 Nônio Marcelo, *De compendiosa doctrina*, 48 L (33 M) =
VAHLEN 6-7:

18 Assim, sobre LUCIL. 264-65: “Por sete verbos depoentes cujas terminações se respondem por homeoteleuto, uma mulher descreve, com um prazer sensível, todas as operações que realiza para cuidar de seu corpo” (CHARPIN 1978, 275). Sobre Lucílio 599-600: “os prefixos negativos concorrem para acentuar a miséria da personagem” (CHARPIN 1979, 275).

19 Ao contrário, a proposta de Russo, para quem Ênio, no fragmento em questão, descreve a vida tumultuosa da cidade”, a exemplo do lamento de um *seruus currens*, como em PL. *Cur.*, 290 (RUSSO 2007, 100), parece-nos altamente hipotética e se apegar apenas à proximidade semântica de algumas palavras (*obstant, obsistunt, incedunt*) compartilhada pelos excertos.

propinare a Graeco tractum, post potum tradere... Ennius satyrarum lib. III:

Enni poeta, salue, qui mortalibus uersus propinas flammeos medullitus

propinare: derivado do grego, entregar depois da bebida... Ênio no livro III das sátiras:

Ênio poeta, saudações, que aos mortais presenteias versos ardentes vindos do imo.

Metro: senário iâmbico

Comentários:

O fragmento foi objeto do interesse de Nônio Marcelo em dois pontos de seu dicionário, a primeira vez pelo uso de *propinare*, e a segunda, em razão do advérbio *medullitus*. Em artigo inteiramente dedicado ao fragmento e referindo-se especificamente ao que pensa ser uma contraposição entre essas palavras, Henry David Jocelyn destacou uma suposta mistura de registros na própria seleção vocabular.²⁰ A nosso ver, entretanto, a questão merece exame mais acurado.

É decisiva, segundo pensamos, a interpretação que, de Pascal a Russo, foi-se desenvolvendo a partir da constatação da proximidade entre o fragmento em questão e versos do elegista grego Dionísio Calco (s. V a.C.), que também se vale do verbo προπίνειν para se referir a uma oferta da própria poesia: δέξου τήνδε προπινομένην / τήν ἀπ' ἐμοῦ ποιήσων (WEST 1).²¹ Para Waszink, poderia se tra-

20 “Por um lado, *mortalis* e *flammeus* eram palavras de alguma dignidade, mais ambientadas nos registros trágicos e épicos do que no registro cômico ou naquele da *satura*. *Medullitus*, embora registrado alhures no latim republicano apenas na comédia e na *satura*, parece, a julgar pelos seus contextos de ocorrência e por aquele de formações similares, ter carregado uma sugestão de novidade e esforço estilístico. O modo de interpelação, com o substantivo apositivo e a oração relativa, teriam por si mesmos contribuído para uma atmosfera de alta solenidade. Por outro lado, o verbo emprestado *propinare* (~προπίνειν) tinha um tom relativamente humilde” (JOCELYN 1977, 137).

21 O *supplementum* do LSJ aderiu inteiramente à associação, incorporando ao dicionário grego, após a citação de Dionísio Calco, o fragmento latino de Ênio.

tar da introdução de um poema simpótico (WASZINK 1971, 116). Russo aduz à discussão outro passo muito interessante, de transmissão papirácea, publicado em 1907 por Wilamowitz e Schubart, que fala, a se aceitar a reconstrução proposta, em προπίνε λόγον: [ἐ]νκέρασον Χαρίτων κρατῆ[ρ]α ἐπιστ[ε-] / φέα κρ[ύφιόν τε π]ροπί[ν]ε [λό]γον (RUSSO 2007, 111). Tratar-se-ia assim de mais um paralelo para *uersus... propinas*. Como parte desse dossiê, mas agora com a intermediação do próprio Ênio, deve-se inserir Lucílio, cujo fragmento 670-71, foi interpretado nos seguintes termos por Scevola Mariotti: “a mim parece ainda que, em Lucil. 590ss, *ego ubi quem ex praecordiis ecfero uersum* seja uma reminiscência de Ênio *sat. 7* (referindo-se ao próprio Ênio) *uersus propinas...medullitus*.” (MARIOTTI 1991c, 116, n.12).

Examinemos mais de perto alguns desses elementos.

O verbo grego προπίνειν remete ao ao simpósio e ao cálice da amizade (φιλοτησία): Πίνε, κατάκεισο, λαβη τήνδε φιλοτησίαν (*Ar., Ach.*, 985; *Ly.*, 203); φιλοτησίαν τήνδε· ἐγώ... κύλικα προπίομαι (*Alex.* 291); φιλοτησίας προπίνειν (*D.*, 19.128). O correspondente *propino*, adaptado do grego, como indica Nônio, aparece frequentemente em Plauto e também em Terêncio. Em Plauto, sobretudo em sentido próprio, ligado à bebida (*As.*, 772; *Cur.*, 359; *Ps.*, 1262; *St.*, 425, 708, 712). Mas, uma vez em Plauto e na única vez em que figura em Terêncio, ocorre em sentido figurado, como no fragmento eniano: *propino tibi salutem plenis... faucibus* (*Pl., St.*, 468), *hunc comedendum uobis propino et deridendum* (*Ter., Eu.*, 1087). Aqui, pensamos, não assiste razão a Russo, ao afirmar que o uso metafórico de *propinare* é “absolutamente não usual na literatura latina” (RUSSO 2007, 110).

Propondo uma leitura original centrada no adjetivo *flammeus*, que, em época recuada, ocorre também em fragmento trágico do *Tereus* de Ácio (*amore uecor flammeo*, DANGEL 440), Russo concebeu o fragmento como uma referência à própria sátira, e não, como também já proposto, à épica (RUSSO 2001, 102). Segundo ele, deve-se interpretar “*flammeos* como uma indicação do caráter contundente, agressivo do *uersus*” (RUSSO 2001, 104). Afinal, em toda

a tradição satírica, o fogo seria metáfora para o que faz o satirista.²² Remontando à poesia iâmbica em geral²³ e à obra calimaqueia, em particular,²⁴ levanta-se:

a hipótese de que, na expressão *uersus flammei* do fragmento de Ênio, seja possível reconhecer não apenas uma indicação do caráter agressivo dos versos, mas também uma referência à tradição literária helenística, que havia usado imagens tiradas ao fogo para indicar a agressividade dos iambos de Hipônax. Essa hipótese se encaixa bem na imagem conjunta que se tornou estabelecida tanto relativamente aos modelos das *Saturae* de Ênio (entre os quais, como vimos, os *Iambi* de Calímaco já haviam sido apontados), como relativamente à cultura literária de Ênio e de sua época. Nós sabemos de um debate forte, em época helenística, entre, de um lado, os seguidores de Arquíloco e, de outro, Calímaco e os calimaqueanos, que preferiam Hipônax: não é surpreendente se Ênio, um autor mergulhado na cultura alexandrina – como se percebe especialmente pelas suas obras menores – tiver tomado parte nessa discussão e tiver sido influenciado por ela (RUSSO 2001, 112-13).

A respeito de um dos elementos do dossiê compilado por Russo, cabem algumas considerações adicionais. Trata-se de *Ar., Ach.*, 665-666, em que se fala da musa ardente (μούσ'... φλεγυρά πυρὸς ἔ-/ χουσα). Seria relevante acrescentar que a passagem se encontra no seio de um discurso fundamental do corifeu nos *Ach.*, 626ss., e especialmente 652-58, sobre a comédia ter por propósito defender o que é justo, promover a felicidade sem buscar a aprovação por

22 Cf., especialmente *saturam calentem* (Septímio Sereno, fr. 2, in: BLÄNSDORF 2011, 351).

23 Bastante relevante aqui o fr. 120W, de Arquíloco: ὡς Διωνύσοι ἄνακτος καλὸν ἐξάρξαι μέλος / οἶδα διθύραμβον οἴνωι συγκεραυωθεὶς φρένας.

24 Por exemplo o iambo 13 de Calímaco, pois “ir a Éfeso buscar fogo pode ser interpretado como tomar à poesia de Hipônax o caráter agressivo e escorchante” (RUSSO 2001, 112).

dinheiro, sem enganar com elogios, mas justamente por meio da crítica. Cf., também: AR., *Eq.*, 1274-75; V., 650-52. Isso porque não necessariamente se está a tratar de versos agressivos e escorchantes, mas talvez de versos em harmonia com o contexto simpótico do cálice da amizade. Isso é ao menos uma alternativa para a tentativa de enquadramento global do fragmento eniano por Russo: “*Si licet hariolari* com base nessas comparações, poder-se-ia pensar que, no nosso fragmento, alguém tenha criticado Ênio pelo caráter cáustico de sua poesia satírica e que o poeta tenha buscado se justificar ou se defender da acusação” (RUSSO 2007, 115).

Com relação ao advérbio *medullitus*,²⁵ note-se que, embora não recorra em Ênio, o poeta se serve de diversos advérbios formados a partir de adjetivo ou substantivo, com o sufixo *-tus* (cf. LEU-MANN 1963 [§214], 299-300): *si quid me fuerit humanitus, ut teneatis* (“se algo humano me acontecer, que mantenha...”) (VAHLEN 125); *et simul effugit, speres ita funditus nostras* (“e imediatamente foge, espere assim completamente nossas...”) (VAHLEN 128); *publicitus* (VAHLEN 183). Significativamente, além de Plauto (*uideas eam medullitus me amare, Mos.*, 243; *ostendit sese iam mihi medullitus, Truc.*, 439)²⁶, *medullitus* se encontra nas menipeias de Varrão: *...atque ut igni feruido medullitus / Aquiloniam intus eruat frigidinem* (VAR., *Men.* [*Cras credo hodie nihil*], 77). Ele pode, na tradição que mais imediatamente nos importa aqui, ser relacionado a expressão do

25 O advérbio *medullitus* pode ser interpretado de três maneiras diferentes, conforme demonstrou aprofundadamente Alessandro Russo: (1) como intensificação de *flammeos*; (2) como versos destinados a atingir as medulas dos ouvintes; (3) como provenientes da medula do poeta. Russo pensa que os testemunhos de que se dispõe “não permitem nem preferir nem descartar imediatamente nenhuma das interpretações” (RUSSO 2007, 112), mas acaba por admitir que a terceira, retida em nossa tradução, é “mais provável” (RUSSO 2007, 113).

26 Comentando esse verso do *Truculentus*, Russo afirma que “temos aqui um caso do uso metafórico de *medullitus* para indicar a sinceridade das palavras que provêm propriamente do coração e não dos lábios” (RUSSO 2007, 114). Adicione-se ao dossiê *medulla*, metaforicamente, em PL., *St.*, 340-41.

iambo 5 de Calímaco: τὰ πὸ καρδ|ίης (Call., *Iamb.*, 5.2).²⁷ A referência figurada à medula também aparece alhures em Ênio: *flos delibatus populi Suadaique medulla* (“a flor colhida do povo e a medula da Persuasão”) (VAHLEN 308).²⁸

Para além do problema do contexto que se pode imaginar para o fragmento, que parece, com alguma certeza, remeter a uma cena simpótica,²⁹ interessa-nos acostá-lo a diversas passagens em que Ênio se pronuncia cōscio do valor de sua própria poesia. Assim, por exemplo, no começo dos *Anais*: *latos <per> populos res atque poemata nostra <... clara> cluebunt* (“nosso assunto e nossa poesia serão celebrados brilhantemente por muitos povos”) (VAHLEN 3-4). Igualmente, em dois epigramas: *aspicite, o ciues, senis Enni imaginis formam: / hic uestrum panxit maxuma facta patrum* (“Vede, ó cidadãos, a forma da estátua do velho Ênio: / ele escreveu sobre os maiores feitos de vossos pais”) (VAHLEN, *Var.*, 15-16); *nemo me lacrimis <decoret nec funera fletu / faxit>. cur? uolito uiuos per ora uirum.* (“Ninguém me honre com lágrimas nem meu funeral com choro / faça. Por quê? Eu voo vivo pelas bocas dos homens”) (VAHLEN, *Var.*, 17-18).

O problema do estatuto da poesia para Ênio, sugerido pelo próprio advérbio *medullitus*, com relação à dicotomia entre poesia inspirada e poesia laboriosa, não se formula de forma clara nos fragmentos enianos, a distinguir das representações de Ênio feitas por escritores posteriores. Assim, se, para Cícero, Ênio se situaria na tradição da poesia inspirada: *quare suo iure noster ille Ennius “sanctos” appellat poetas, quod quasi deorum aliquo dono atque munere*

27 Para Russo, essa expressão “indica, com uma metáfora análoga ao *medullitus* eniano, a sinceridade com que Calímaco se prepara para dar seu próprio conselho” (RUSSO 2007, 114).

28 Sobre este fragmento, sugerindo que *suadai* aqui seja um jogo etimológico com ἡδύς, significando “a medula da doçura” e ecoando *suaui loquens*, alguns versos antes, cf. BEARE 1926.

29 Outros elementos, como a identificação de personagens, etc., amplamente debatidos por Jocelyn (1977), parecem-nos fadados à indeterminação.

commendati nobis esse uideantur (Cic. *Arch.*, 18), fragmentos enianos sugerem uma situação mais complexa e, possivelmente, um pendor para uma autoimagem laboriosa, ao gosto helenístico: *quos olim fauni uatesque canebant... / ... neque Musarum scopulos / nec dicti studiosus [quisquam erat] ante hunc* (“que outrora os faunos e os vates cantavam... / ... nem as rochas das Musas / nem [havia quem quer que fosse] estudioso da fala antes dele”) (VAHLEN, 214-16); *satin uates uerant aetate in agunda* (“os vates por acaso falam a verdade a respeito de suas próprias vidas?”) (VAHLEN 380). Comentando nosso fragmento, Courtney (2011, 10) aponta: “é importante para Ênio ser saudado como *poeta* (não como *uates*)”.

É possível, assim, que passos como o do fragmento em comento, especialmente em relação ao advérbio *medullitus*, devam ser lidos como indício de alusão ao problema, mais que de posicionamento claro de Ênio a seu respeito. Como se sabe, satiristas posteriores, como Varrão, e evidentemente Horácio, figuram-se claramente como escritores laboriosos. Assim: *mihique t̄ diuidum stilo nostro t̄ papyri inpleui scapos [capitio] nouo partu poetico* (VAR., *Men.* [Bimarcus], 58). Cf., e.g., HOR., *S.*, 1.10.65, para a imagem da lima. Seria possível afinal que Ênio se apresentasse, eventualmente, como poeta inspirado ou laborioso não em razão não de uma referencialidade do mundo físico, mas do mundo poético, vale dizer, como poeta adequado a cada contexto genérico em que se encontrava (cf. comentário ao fragmento 20, *infra*).

12 NON. 754 L (470 M) =
VAHLEN 8-9:

crimīnat: Ennius satyrarum lib.
III:

*nam is non bene uult tibi qui falso
crimīnat
apud te*

12 Nônio Marcelo, *De compendiosa doctrina*, 754 L (470 M) =
VAHLEN 8-9:

*crimīnat: Ênio no livro III das
sátiras:*

*pois não te quer bem aquele que
falsamente te incrimina
entre os teus*

Metro: senário iâmbico completo seguido do início de outro senário

Comentários:

O verbo *crimino* chamou a atenção de Nônio Marcelo por ser empregado em forma ativa, não depoente. Ele também figura assim em Plauto: *erum ut <suos> seruos criminaret apud erum* (PL., Ps., 493). No entanto, igualmente em Plauto, ele aparece na forma depoente: cf. *men criminatust? optime est: ego sum malus* (PL., Bac., 783).

Notar a construção *bene uelle* com complemento no dativo, que é recorrente nos autores republicanos (PL., As. 841; Poen., 373; TER. Hau., 959; Eu., 655; LUCIL., 1336; CATUL., 75.3), mas não na língua clássica.

Aqui também (cf., *supra*, fragmento 8), atesta-se a presença de excertos gnômicos nas sátiras enianas.

13 NON. 92 L (66 M) = VAHLEN 10-11:

politiones: agrorum cultus diligentes ut polita omnia dicimus exculta et ad nitorem deducta... Ennius satyrarum lib. III:

*testes sunt
lati campi quos gerit Africa terra
politos*

13 Nônio Marcelo, *De compendiosa doctrina*, 92 L (66 M) = VAHLEN 10-11:

politiones: cultivos diligentes dos campos, como chamamos polita todas as coisas bem feitas e tornadas mais brilhantes... Ênio no livro III das sátiras:

*são testemunhas
os vastos campos que a terra africana
contém bem cultivados*

Metro: hexâmetro dactílico, com fim espondaico no primeiro verso

Comentários:

O excerto chamou a atenção de Nônio Marcelo pelo emprego do adjetivo *politus* para se referir a campos, com o sentido de bem cultivado. A existência de outro fragmento de Ênio com dicção semelhante, em seu *Scipio*, chamou a atenção de Skutsch: *testes sunt Campi magni...* (“os grandes campos são testemunhas...”) (VAHLEN 6-8), que propôs que haveria contaminação da passagem das sátiras por aquela do *Scipio* na transmissão:

Nosso verso não pode ser identificado com o citado por Nônio, 66, 20f., do Livro III das *Sátiras: testes sunt lati campi quos gerit Africa terra politos; lati campi*, como mostra a oração relativa, não é um nome. Provavelmente, um leitor, lembrando-se dos *Campi Magni*, em Cícero, adicionou *testes sunt*. As palavras tornam o metro estranho e, se elas pertencessem a Ênio, Nônio as teria, eu penso, omitido e se dado por feliz em citar apenas o hexâmetro, já que ele estava preocupado com *polire*, e o fim do verso precedente não contribuía com nada para o ponto. A explicação alternativa de que a semelhança entre as duas passagens poderia ser devida a uma auto-repetição consciente pelo poeta parece exagerada (SKUTSCH 2003, 754-55).

Edward Courtney, no entanto, secundado por Pierini (2013, 118, n.7) e Russo (2007, 116), entre outros, tem a proposta de Skutsch por “pouco provável” (COURTNEY 2011, 11). Parece-nos, com efeito, que a passagem não torna o metro estranho, já que nem a substituição de quinto pé por um espondeu nem a colocação de um monossílabo em posição final são incomuns nos hexâmetros enianos (cf. WITTE 1912). Exemplificativamente, com os dois fenômenos conjuntamente: *Dono – ducite – doque – uolentibus cum magnis dis* (“Eu dão – levai – e dou – querendo-o os grandes deuses”) (VAHLEN 201). Antiga corrente, apesar de distinguir as passagens, considerava que o fragmento satírico se referiria também a Cipião, e que, mais amplamente, todo o livro III das *Sátiras* seria a ele consagrado (RUSSO 2007, 195-200). No entanto, não só os outros fragmentos do livro III não apoiam a tese, como mesmo este que ora nos ocupa, ao falar em (*campos*) *politos*, parece se referir menos à África como cenário de guerra que como espaço de cultivo de alimentos (RUSSO 2007, 116-17).

Note-se, a propósito, outra passagem eniana, sita no livro IX dos *Anais*, em que *poliendi* vem empregado no mesmo sentido que em nosso fragmento: *rastros dentifabres capsit causa poliendi... agri* (“toma rastelos para arar o campo”) (VAHLEN 319-20). De acordo com Tomasco, que remete ao fragmento satírico e menciona um

paralelo nas menipeias de Varrão (*quid mirum? ex agri depolitionibus eiciuntur, hic cenaculo inpolito recipiuntur*, VAR., *Men. [saturae incertae]*, 589), “o verbo *polire*, em agricultura, tem o significado de ‘nettoyer, défricher un champ’ (E.-M., s.u.), de ‘preparar para o cultivo’, ‘pôr em perfeito estado’, ‘cultivar bem’ (cf., por exemplo, Varrão *Rust.* 3.2.5)” (TOMASCO 2006, 58).³⁰

O fragmento dos *Anais* a que se aludiu no começo deste comentário vem inserido no *De oratore* de Cícero (3.167), a título de apóstrofe dirigida a uma localidade, como expediente da ornamentação do discurso (*ornandi causa*). Há diversos paralelos em outros textos clássicos, e notadamente em época posterior, no fim da República e na época augustana, a maior parte dos quais inventariada por Nisbet e Hubbard, que notam sua conveniência “em um panegírico, um lugar [que] se diz convencionalmente ser testemunha de um feito de valor” (NISBET; HUBBARD 1978, 30). Aos casos aí mencionados, em época mais próxima ao fragmento eniano que aqui nos concerne, poderíamos citar Ácio, na tragédia *Astyanax*: *Troia est testis: quaere ex aliis, qui illius miseritudinem, / nomem clarum in humili saxo multis memorant uocibus* (DANGEL 268-69). A expressão *testes sunt/estis...*, registre-se, figura também em Plauto: *hoc uos mihi testes estis me uerum loqui* (PL., *Capt.*, 3).

LIVRO IV

14 MACR., 6.5.5 = VAHLEN 12-13:

“tristis” pro amaro translatio decens est ut “tristisque lupini” [Verg. G.1.75], et ita Ennius in libro saturarum [saturarum *Colonna*: Sabinarum *codd.*] quarto:

*neque <ille> triste quaeritat sinapi
neque cepe maestum*

14 Macróbio, *Saturnálias*, 6, 5, 5 = VAHLEN 12-13:

tristis traduz-se adequadamente por amargo, como em “e do amargo tremoço” [Virgílio, *Geórgicas*, 1, 75], e assim Ênio no livro IV das sátiras [*codd.*: Sabinarum; *Colonna*: saturarum]:

*e <ele> não anda sempre atrás da
mostarda raivosa
nem da cebola chorosa*

30 Cf., mais amplamente, GOUJARD 1970.

Metro: septenário iâmbico

Comentários:

O fato de que os manuscritos tragam *Sabinarum*, e não *Saturarum*, é curioso, já que, conforme anota Courtney, Ênio escreveu uma *praetexta* chamada *Sabinae*, o que sugere alguma cautela na consideração do fragmento (COURTNEY 2011, 11).

Macróbio se interessou pelo emprego do adjetivo *tristis* com o sentido de amargo em Virgílio e apontou o que lhe parecia ser um paralelo em Ênio. No entanto, o problema parece mais complexo, se temos em mente, como nota Russo, o sentido causativo de *tristis* e *maestus* no passo: “a mostarda e a cebola são respectivamente definidos *tristis* e *maestus* porque fica triste e choroso quem se nutre com tais alimentos” (RUSSO 2007, 124). Manuel Segura Moreno buscou transmitir a ideia em sua tradução: “no trata de buscar la amarga mostaza ni la lacrimógena cebolla” (SEGURA MORENO 1999, 137).

Tanto a cebola como a mostarda, alimentos designados como acres e associados também ao alho (Varrão, segundo Non. 201M),³¹ são muito significativos na tradição cômica latina, e isso antes mesmo de Ênio. É assim que, já na *Appella* de Nêvio, encontramos dois fragmentos relacionando a cebola ao choro: *cui caepe edundod oculos alter profluit* (RIBBECK 18) e *ut illum di perdant, qui primam holitor protulit caepam* (RIBBECK 19). A mostarda, por sua vez, vem relacionada a uma característica da personalidade por Plauto, ao dizer que, nem se vivesse só de mostarda, alguém poderia ser tão *tristis*, termo que aqui provavelmente significa violento, raivoso: *si ecastor hic homo sinapi uictitet, non censeam / tam esse tristem posse* (PL., *Truc.*, 315-16). Embora adjective o homem, trata-se de transferência de atributo da mostarda àquele que a ingere, logo, indiretamente, de adjectivação da mostarda. Cf., ainda, PL., *Ps.*, 817-18).

Os satiristas posteriores usam a imagem com frequência, certamente a um só tempo pela importância da referência ao alimento no gênero satírico e pelas associações possíveis entre o elemento

31 Pense-se, nessa conexão, com o alho no epodo III de Horácio.

material e o moral: *flebile cepe simul lacrimosaeque ordine tallae* (LUCIL., 194); *lippus edenda acri assiduo ceparius cepa* (LUCIL., 195); *auti et atavi nostri, cum alium ac cepe eorum uerba olerent, tamen optume animati erant* (VAR., Men. [Bimarcus], 63); *dulcem aquam bibat salubrem et flebile esitet cepe* (VAR., Men. [Manius], 250).

No caso do fragmento eniano, para além dessa relação entre determinados alimentos e correspondentes ações e comportamentos, talvez seja possível levantar uma hipótese mais circunscrita.³² Um passo tem importância de primeira ordem para tanto. A certa altura da peça *Cavaleiros*, o salsicheiro conta como Cléon lança críticas ferozes aos cavaleiros reunidos, chamando-os de conspiradores, entre outros insultos que, acrescenta, são mentirosos. Ao narrar a justa, descreve a postura física de Cléon nos seguintes termos: “e lançou um olhar de mostarda e franziu as sobranceiras”: κάβλεψε νᾶπυ καὶ τὰ μέτωπ’ ἀνέσπασεν (AR., Eq., 631). Segundo Sommersstein, a expressão significa que ele “assumiu uma expressão cáustica (*mordant*), irada” (SOMMERSTEIN 1981, 178). Ora – e frisamos tratar-se apenas de hipótese, mas não menos relevante que as demais propostas – se a mostarda pode ser caracterizadora do mais forte e mentiroso vitupério, pode ser que o fragmento eniano tenha conteúdo metapoético, falando sobre a sua própria poesia satírica. Se essa for a leitura adequada, o conteúdo se coaduna perfeitamente com o que se costuma afirmar a respeito do fragmento 19, *infra*.

32 Waszink, que propõe uma relação com a tradição iâmbica, pensa que “a mostarda e as cebolas são aqui rejeitadas como um tipo particularmente desagradável ou mesmo nojento de comida. Nesse contexto, podemos considerar a possibilidade de que, antes de *ille*, deva-se suprir algo como *quisquis sapit*” (WASZINK 1971, 128). Já Russo remetendo a passos iâmbicos, pensa na possibilidade de a tristeza ser a de alguém que deseja, mas não pode, comer pratos refinados (RUSSO 2007, 125-26).

LIVRO VI

15 Don. ad Ter. Pho. 339 =
VAHLEN 14-19:

“ten asymbolum uenire unctum
atque lautum e balineis, / otio-
sum ab animo, quom ille et cura
et sumptu absumitur! / dum tibi
fit quod placeat, ille ringitur. tu
rideas...”: haec non ab Apollodo-
ro sed e sexto satirarum Ennii
translata sunt omnia:

quippe sine cura laetus lautus cum
[aduenis
infectis malis, expedito bracchio,

alacer celsus, lupino impetu
[expectans,
mox cum alterius obligurias bona:

quid censes domino esse animi? pro
[diuum fidem!
ille tristis est dum cibum seruat, tu
[ridens uorans.

15 Donato, *Comentário ao Fór-
mio de Terêncio*, 339 = VAHLEN
14-19:

“vires ungido e lavado dos
banhos, / com a alma despreocu-
pada, enquanto ele é absorvido
por preocupação e gastos! /
Enquanto fazes o que queres,
ele se irrita. Tu rirás...”: tudo isso
não foi tirado a Apolodoro, mas
ao sexto livro das sátiras de Ênio:

porque, quando vens, despreocupado,
[feliz, lavado,
com as mandíbulas cerradas, o braço
[pronto,
desperto, altivo, esperando para,
[com o arrojo de um lobo,
tão logo [possas], consumir os bens
[de outro,

o que julgas estar na mente do
[senhor? pela fé dos deuses!,
ele está triste, observando³³ os
viveres

[que tu engoles rindo.

Metro: senário iâmbico

Comentários:

É curioso que Donato atribua aqui o fragmento a um sexto li-
vro das sátiras de Ênio, única referência a tal livro e que se choca
com o testemunho de Porfirião, que, comentando a sátira 1.10.46,
de Horácio, escreveu: *Ennius qui IV libros saturarum reliquit* (cf. o tes-
timonium 2, *supra*). Tratar-se-ia de erro do copista do comentário de

33 Seguimos aqui sugestão de Jarret T. Welsh: “Diante do uso linguis-
tico republicano, evidente em (*Remus*) *solus auem seruat* (“[Remo] sozi-
nho espera pela visão do ômen”), procurar ou observar parecem uma
malhor interpretação de *seruat* do que estocar ou guardar, que foram
regularmente utilizados como traduções desde Warmington (1925: 389)”
(WELSH 2013, 116).

O verbo *abligurrio*, raro, encontra-se na comédia: *hominem haud inpurum, itidem patria qui abligurrierat bona* (TER., *Eu.*, 235), aqui também com *bona* como objeto, conforme se vê. Depois, na obra arcaizante de Apuleio: *Apol.*, 59.25; *Met.*, 10.14.6.

O excerto se relaciona à comédia não só pelo vocabulário e pelo metro, mas por aludir claramente à personagem-tipo do parasita, estudada por Cynthia Damon. A respeito do trecho aqui comentado, a autora aponta que, embora não saibamos nada sobre o contexto, “é claro que a pessoa a quem essas linhas são endereçadas é um parasita baseado no modelo cômico” (DAMON 1997, 106). Trata-se de personagem recorrente na comédia latina (cf., TER., *Hau.*, 38; PL., *St.*, 577 e 605, descrevendo o parasita Gelásimo como lobo) e que se aclimata bem à sátira, por exemplo, em Horácio (para além da famosa *Ep.* 1.18, veja-se, *e.g.*, entre muitos outros exemplos, com associações de ideias semelhantes às do fragmento de Ênio: *latrantem stomachum, S.*, 2.2.18; *maiolem natura modum dedit, his breve pondus: / ieiunus raro stomachus volgaria temnit, S.*, 2.2.37-39).

A comparação do parasita com o lobo, no verso 3 do fragmento, é tópica, como se depreende dos trechos referidos acima e como se pode verificar ainda em todo um conjunto de excertos: *lupus est homo homini, non homo, quom qualis sit non nouit* (PL., *As.*, 495); *quasi lupus esuriens metui ne in me faceret impetum* (PL. *Capt.*, 912). A ideia do lobo como um parasita traíçoeiro vem, aliás, bem corporificada em um provérbio adaptado por Plauto (...*ut mauelis lupos apud ouis quam hos domi / linquere custodes*, PL., *Ps.*, 140-41) e por Terêncio (...*ouem lupo commisisti*, TER., *Eu.*, 832).³⁵ Já na Lisístrata (AR., *Lys.*, 629), diz-se que alguém não é digno de confiança como o lobo de boca aberta, e são bem conhecidos os trechos de Aristófanes em que outro animal aparentado ao lobo, o cão, rouba comida, à imagem também do parasita; é o caso do julgamento nas *Vespaes* e, em *Eq.*, 1030-34, da descrição, um oráculo, da atitude do cachorro que finge agradar apenas à espreita do momento de roubar a comida furtivamente, “como um verdadeiro cão”.

35 Para outras ocorrências, cf. ERNOUT 1962, 42, n.1.

Nesse contexto, a descrição do parasita como um animal satisfeito e pronto para atacar tem paralelos em textos de larga tradição que descrevem o animal, inclusive o cão, na iminência de um ataque. É o caso, por exemplo, de dois epigramas tumulares, provavelmente alexandrinos, que se ocupam da descrição do combate em que o cão morreu (PAGE 1941, 460-63). No poema hexamétrico *Antínoo* (10-23), de Pancrates, do século II d.C., há longa descrição de um leão preparando-se para o ataque (PAGE 1941 516-19). Na tradição latina, Russo, com base em *infestis*, termo de conotação bélica, propõe uma associação com fragmento de Lucílio: “o parasita se apressa ao banquete como um soldado à batalha; uma análoga assimilação paródica dos parasitas a soldados cruentos em Lucílio (718 M. *uiginti domi an triginta an centum cibicidas alas*)” (RUSSO 2007, 136). Note-se, em época augusteia: *et sciat oculos et signis arguat hostes: / aut effecta leui testatur gaudia cauda / aut ipsa infodiens uncis uestigia plantis / mandit humum celsisue apprensat naribus auras* (GRAT., 236-39).³⁶

DE LOCALIZAÇÃO INCERTA

16 QUINT., *Inst.*, 9, 2, 36 =
VAHLEN 20:

sed formas quoque fingimus
saepe... ut Mortem et Vitam,
quas contentes in satura
tradit Ennius.

16 Quintil., *Instituição oratória*, 9,
2, 36 = VAHLEN 20:

Mas frequentemente nós tam-
bém criamos personificações...
como a Morte e a Vida, que Ênio
representa debatendo em uma
sátira.

Comentários:

A despeito de Quintiliano não reproduzir nenhum verso eniano, o relato sobre o uso de uma personificação é interessante por

36 É possível que a passagem seja ecoada em CIC., *de Orat.*, 1.184: *Haec igitur et horum similia iura suae ciuitatis ignorantem erectum et celsum, alacri et prompto ore atque uultu, huc atque illuc intuentem uagari cum magna caterua toto foro, praesidium clientibus atque opem amicis et prope cunctis ciuibus lucem ingeni et consili sui porrigentem atque tendentem, nonne in primis flagitiosum putandum est?*

inserir as sátiras de Ênio em uma tradição de combates alegóricos, presente não só nas fábulas, mas também nos iambos de Calímaco, caso do iambo 4, que trata da disputa entre o loureiro e a oliveira. Já em 1851, Petermann identificou combates personificados semelhantes também na comédia latina (*inopia* e *luxuria* no prólogo do *Trinummus* de Plauto e *mors* e *uita* em uma atelana de Névio), bem como na poesia de Epicarmo (PETERMANN 1851, 9, n.3). Poderia também ter citado a comédia aristofânica: o pensamento justo e o injusto em *Nu.*, 887ss, a riqueza e a pobreza em *Pl.*, especialmente 415ss.

A referência genérica talvez possa ser precisada – a despeito de não sabermos como Ênio a absorveu, se de modo direto ou indireto – com a consideração do gênero específico do ἀγών. Conforme notou Waszink: “Com efeito, não é de modo algum impossível que Ênio tenha sido influenciado pelo ἀγών especialmente famoso entre a Terra e o Mar em uma comédia de Epicarmo, já que ele evidentemente estava familiarizado com o que, no período helenístico, era tido por ‘literatura epicarmiana’” (WASZINK 1971, 133).³⁷

17 GELL. 2.29.17-20 =
VAHLEN 51-58:

haec quidem est Aesopi fabula de amicorum et propinquorum leui plerumque et inani fiducia... [19] hunc Aesopi apologum Q. Ennius in satiris scite admodum et uenuste uersibus quadratis composuit. [20] quorum duo posteremi isti sunt, quos habere cordi et memoriae operae pretium esse hercle puto:

17 Aulo Gélío, *Noites Áticas*, 2, 29, 17-20 = VAHLEN 51-58:

É essa, pois, a fábula de Esopo sobre a confiança tênue e, mais frequentemente, vã que se pode depositar nos amigos e nos próximos... [19] Ênio compôs esse apólogo de Esopo, em suas sátiras, muito graciosa e elegantemente, em versos octonários. [20] Estes são os últimos dois versos, que, por Hércules!, eu julgo dignos de guardar no espírito e na memória:

37 No mesmo sentido, remetendo a ἀγών (disputa) da virtude e do vício, de autoria do sofista Pródico, cf. van ROOY 1965, 48, n.40.

dução da fórmula esópica ὁ μῦθος δηλοῖ ὅτι, com que se introduz, ao fim, muita vez, a moral das fábulas esópicas (RUSSO 2007, 143).

Sobre o problema, bastante geral, da relação entre Ênio e Esopo, com ampla discussão sobre este fragmento, há importantes trabalhos de Carl Werner Müller (1976) e, mais recentemente, de Adele-Tereza Cozzoli (1995). Waszink, no contexto de discussão dessa ampla problemática, que é um importante ponto de apoio para os defensores da ascendência dos iambos de Calímaco sobre a sátira eniana, lembra que “precisamos nos manter alerta para o fato de que uma influência dos famosíssimos αἴνοι de Arquíloco não está fora de questão” (WASZINK 1971, 125). Afinal, aponta Cozzoli (1995, 190), os iambos de Calímaco recuperam à própria tradição iâmbica o uso de fábulas e provérbios. Cf., *infra*, discussão sobre o fragmento 23.

Complexificando a possível genealogia em que se insere o fragmento eniano, deve-se lembrar a referência frequente e expressa à fábula esópica na comédia antiga: AR. V., 566, 1259, 1401; *Pax*, 129; *Av.*, 471, 651. Nas *Vespae*, Filocléon começa a contar uma fábula sobre um rato e uma fuinha, depois de Bdelicléon ter lhe dito expressamente para não contar fábulas (μύθοι, 1179ss). Também na comédia nova, encontra-se referência a provérbio derivado de fábula em MEN., *Dysc.*, 633-34. O fato de referências equivalentes não se encontrarem na comédia latina, especialmente a menção direta a Esopo, é indício muito relevante, ao que nos parece, sobre a relação de Ênio com a tradição cômica, militando em favor da hipótese de que, ao lado de sua recepção da comédia latina contemporânea, ele muito provavelmente também tratou de reprocessar diretamente as fontes gregas. No mundo latino – talvez em razão mesmo de sua centralidade em Ênio – é a tradição satírica que incorpora em grande medida a fábula. Cf. LUCIL, 586-87 (fábula da formiga), 1111-20 (fábula do leão e da formiga) e, especialmente, HOR., *S.*, 2.6.79ss (fábula do rato da cidade e do rato do campo).

A fábula em questão narra, na versão de Gélio aparentemente tirada a Ênio, a história de uma ave (*auicula*) que, ao retornar, à noite, ao ninho que fizera na plantação de um camponês, ouve de sua

ninhada que, no dia seguinte, amigos virão ajudá-lo a desbastar o campo, de modo que devem partir. A ave diz que não há nada que temer. A mesma cena se repete no dia seguinte, com a diferença de que seriam agora os pais do camponês a prestar ajuda; a ave dá a mesma resposta. Apenas na terceira noite, quando seus filhotes lhe dizem que, na manhã seguinte, serão o próprio camponês e seu filho a cuidar do campo, é que a ave entende ser hora de partir. A moral, condensada nos dois versos preservados, é a de que o homem não se deve fiar no auxílio dos amigos, mas apenas em si mesmo. É interessante notar que as versões preservadas em Bábrio (PERRY 325) e em Aviano (21) são bastante mais condensadas, o que poderia sugerir que Ênio produziu uma dilatação da história que recebeu. No entanto, há tantas incertezas rondando o problema, que a discussão fica prejudicada nesse ponto.

Convém notar que a ideia de que os amigos não acodem quando deles se precisa é tópica (e.g., AR., *Pl.*, 834-37), e sua inclusão na sátira eniana reforça a constatação de que a fábula aqui se presta a “tratar de temas éticos-filosóficos” (COZZOLI 1995, 192).

18 GELL., 18.2.7 = VAHLEN 59-62:

nuper quaesita esse memini
numero septem, quorum prima
fuit enarratio horum versuum,
qui sunt in saturis Q. Enni uno
multifariam verbo concinniter
implicati. quorum exemplum hoc
est:

nam qui lepide postulat alterum
[frustrari,
quem frustratur, frustra eum dicit
[frustra esse;
nam qui sese frustrari quem frustra
[sentit,
qui frustratur is frustrast, si non ille
[est frustra.

18 Aulo Gélío, *Noites Áticas*, 18, 2,
7 = VAHLEN 59-62:

Eu me lembro de recentemente ter
havido sete questões, das quais a
primeira foi a explicação destes
versos, que estão nas sátiras de
Ênio, embaralhados com uma
mesma palavra engenhosamente
[empregada] em muitos lugares.
Eis a transcrição deles:

Pois quem astuciosamente pretende
[enganar o outro,
Engana-se, ao dizer enganado aquele
[a quem engana,
Pois se alguém é enganado ao julgar
[enganar alguém,
Quem engana é enganado, se o outro
[não é enganado.

Metro: sotadeu, mas com uma série de particularidades métricas (RUSSO 2007, 153-58)

Comentários:

Apesar das peculiaridades, o metro é relevante aqui porque indica uma conexão com a obra de Sóttades de Maronea, poeta grego do século III a.C.. Sabe-se que Ênio cultivou aquele gênero, restando alguns fragmentos associados às suas *Sota*, todos em metro sotadeu.

Os jogos de palavras são comuns em Ênio, atestados especialmente em suas peças: *otio qui nescit uti / plus negoti habet quam cum est negotium in negotio. / nam cui quod agat institutum est † in illis † negotium, / id agit, <id> studet, ibi mentem atque animum delectat suum* (“quem não sabe usar o ócio / tem mais negócio do que quando está em negócio quando há negócio, pois, para aquele, para quem o que deve fazer está arranjado, não tem qualquer negócio...”) ([*Iphigenia*] VAHLEN 234-41); *stultus est qui cupida cupiens cupienter cupit* (“é estúpido aquele que, desejando, deseja as coisas cúpidas mais cupidamente”) ([*Phoenix*] VAHLEN 298); *quicquam quisquam cuiquam quemque quisque / conueniat neget* (“que qualquer um negue qualquer coisa a qualquer um, quem quer que encontre qualquer um”) (VAHLEN, *Scen.*, 422). Cf, também: *Qui uincit non est uictor nisi uictus fatetur* (“aquele que vence não é vencedor a menos que o vencido admita”) (VAHLEN 493).³⁸

Sobre o posicionamento desses jogos de palavras na tradição poética, comentando o trecho da *Iphigenia*, Jocelyn afirmou:

o extenso jogo de palavras, *otio... negoti... negotium...*, tem poucas correspondências no drama ático (cf. no entanto, Filémon, fr. 23.3-4 ὁ λοιδορῶν γάρ, ἂν ὁ λοιδορούμενος / μὴ προσποιῆται, λοιδορεῖται λοιδορῶν), mas parece ter sido considerado um ornamento estilístico na Roma do começo do século II a.C. (cf. Ênio, *Sat.* 59-62..., Plauto, *Amph.* 33-6,

38 Esse último passo tem um paralelo em uma *sententia* de Publílio Sírio: *Bis uincit qui se uincit in uictoria*. (PUB., *Sent.*, B, 21)

Capt., 255-6, *Pseud.* 704-05, Terêncio, *Andr.*, 258-59) (JOCELYN 1969, 333).

A afinidade com a comédia é particularmente relevante. Ao exemplo grego citado por Jocelyn, poderíamos adicionar o seguinte: εἴξασιν ἡνῖν οἱ νόμοι τούτοις τοῖσι λεπτοῖς / ἀραχνίους, ἂν ἐν τοῖσι τοίχοις ἢ φάλαγξ ὑφαίνει (Pl. Com. STOREY, 21)

O teatro de Plauto é recheado de casos, para além dos três citados por Jocelyn. Exemplificativamente *optumo optume optumam operam das* (*Am.*, 278); *pactum non pactum est, non pactum pactum est, quod uobis lubet* (*Au.*, 260); *ita hic me amoenitate amoena amoenus oneravit dies* (*Capt.*, 774); *ego nunc uicissim ut alio pacto condiam: / quo id quoi paratum est, ut paratum ne siet, / sitque ei paratum quod paratum non erat* (*Cas.*, 512-14); *mala malae male monstrat* (*Cas.* 826); ψf., ainda, *Cur.*, 513-14; *Epid.*, 331-32, 334, 527; *Mos.*, 250-51; *Per.*, 527; *Ps.*, 134; *Rud.*, 1043-44; *Trin.*, 351-52, 972.

Em uma passagem, ocorre a manipulação do mesmo verbo do passo eniano: *atque i se quom frustrant, frustrare alios stolidi existumant* (PL., *Bac.*, 548). Também em Pompônio, cerca de um século depois de Ênio e Plauto: *miseret me eorum, qui sine frustris uentrem frustrarunt suum* ([*Maialis*] RIBBECK 79). Pode ser que o jogo de palavras aqui envolva uma rede de intertextualidades, tanto o mais porque o tema do engano é essencial à comédia. Parece mesmo haver uma interpenetração, de alta intensidade, entre o recurso do jogo de palavras e a ideia do engano, sendo aquele uma forma bastante conveniente à expressão da ideia do engano, na medida em que produz perplexidade e confusão. Daí decorre a constatação de Muecke, pensando a partir da sátira de Ênio e de Lucílio: “[o] jogo repetitivo de palavras sobre o enganador enganado (...) é um meio estilístico que a sátira compartilha com a comédia” (MUECKE 2007, 43).

Nesse dossiê, insere-se aquele que, para Russo, de todos os exemplos plautinos de jogos de palavras, pode ser tido como mais próximo do fragmento eniano em comentário: *nam bene consultum inconsultum est, si id inimicis usui est, / nec potest quin, si id inimicis usui*

est, opsit tibi; / nam bene <consultum> consilium surrupitur saepissime, / si minus cum cura aut cautela locus loquendi lectus est. / quippe qui, si rescuere inimici consilium tuom, / tuoapte tibi consilio ocludunt linguam et constringunt manus / atque eadem quae illis uoluisti facere, illi faciunt tibi (PL., *Mil.*, 600-06). Para o autor, aqui “temos não apenas, como já no passo das *Bacchides*, a reversão de papéis entre enganador e enganado, mas também o motivo, que, no *Miles* está mais ampla e claramente desenvolvido, de não deixar o enganado saber do engano perpetrado contra si caso queira que o engano dê certo” (RUSSO 2007, 149).

Atestando que se trata efetivamente de elemento que passou a integrar, em determinado momento, o repertório da sátira latina, confira-se o seguinte excerto de Lucílio: *Si me nescire hoc nescis quod quaerere dico, / quare divinas quicquam? an tu quaerere debes / ipse? et si scis q. b. e. scire hoc d. r.* (LUCIL., 33-35). Os jogos de palavras não são, contudo, comuns em satiristas posteriores, exceção feita a alguns passos de Pérsio, mas de baixa intensidade e profusão: *scire tuum nihil est, nisi te scire hoc sciat alter* (PERS., 1.27) *de nihilo nihilum, in nihilum nil posse reuerti* (PERS., 3.84).

Embora, como de ordinário, o contexto nos escape, devemos apontar – o que é significativo diante de outros fragmentos aqui examinados – que há uma longa tradição de jogos de palavras e enigmas em contexto simpótico. Alguns são mesmo registrados por um escoliasta que comenta trecho da *República*, em que Platão relata o uso de enigmas em banquetes (PL., *R.*, 5.479b: τοῖς ἐν ταῖς ἐστίασεσιν, ἔφη, ἐπαμφοτερίζουσιν ἔοικεν) (cf. Panarces, *ad. loc.* in WEST). Referindo-se explicitamente a um dos enigmas mencionados por Platão, o *Ateneu* o registra a partir de obra de Clearco sobre os enigmas: καὶ τὸ Πανάρκους δ' ἐστὶ τοιοῦτον, ὡς φησὶ Κλέαρχος ἐν τῷ περὶ γρίφων, ὅτι βάλωι ξύλω τε καὶ οὐ ξύλω καθημένην ὄρνιθα καὶ οὐκ ὄρνιθα ἀνήρ τε κοῦκ ἀνήρ λίθω τε καὶ οὐ λίθω (*Ath.*, 452c).

19 GELL., 6.9.2 = VAHLEN 63:

Q. Ennius in saturis “memorderit” dixit per *e* litteram, non “momorderit”

meum non est, ac si me canis memorderit

19 Aulo Gélío, *Noites Áticas*, 6, 9, 2 = VAHLEN 63:

Quinto Ênio, nas sátiras, disse *memorderit*, com a letra *e*, não *momorderit*:

não é meu [hábito], como se um cão me tiver mordido

Metro: senário iâmbico

Comentários:

Gélío se interessou pelo fragmento por uma questão morfológica: a formação do radical do *perfectum* por redobro, com alteração da vogal, isto é, *memordi*, e não *momordi*. A forma *memordi* é arcaica e já não se usava no período imperial. Segundo Aulo Gélío: *sic M. Tullius et C. Caesar “mordeo memordi, pungo pepugi, spondeo spepondi” dixerunt* (GELL., 6.9).³⁹ Notáveis as ocorrências em dois mimos de Décimo Labério, já que uma delas em sentido figurado: *Simul sub dentes mulieris ueni, bis ter memordit* ([Colorator] RIBBECK 28); *de integro patrimonio / meo memordi nummum centum milia* ([Galli] RIBBECK 49-50). Cf., ainda, PL., *Poen.*, 1074.

A figura do cão, segundo tudo indica, é relacionada à fala do próprio poeta. Há mais passos de Ênio em que a figuração da voz humana como latido parece dar densidade a nosso fragmento. Assim, no livro X dos *Anais*: *...animus in pectore latrat* (“o espírito late no peito”) (VAHLEN 584). Segundo Jackson, comentando o passo, “Ênio frequentemente demonstra apreciar esse tipo de transferência da esfera animal para a esfera humana, substituindo o verbo próprio por um som animal que possa mais bem ilustrar ou expressar um estado de ânimo ou uma emoção” (JACKSON 2006, 199). Tem ainda interesse a seguinte passagem: *tantidem quasi feta canes sine dentibus latrat* (“como se grávida, a cadela sem dentes ladra”) (VAHLEN 528) Na avaliação de Goldberg e Manuwald, esta última passagem, embora tradicionalmente atribuída aos *Anais*, “poderia, ao contrário, pertencer a uma sátira” (GOLDBERG; MANUWALD 2018b, 399).

39 Sobre este ponto, cf. ERNOUT 1953, 193; LEUMANN 1963, 331.

Essa associação da voz do crítico, do debatedor, do opositor – e especialmente do poeta invectivo, iâmbico, cômico ou, depois, satírico – como latido de cão é de grande relevância. Já na poesia iâmbica arcaica, ela se sugere em Hipônax (fragmento WEST 66).⁴⁰ A imagem parece ter atingido os iampos de Calímaco. Já no iambo 1, o poeta menciona um crítico, “coriceano”, como alguém que ri como o cão quando bebe (CALL., *Iamb.*, 1.83). Mais a propósito, no iambo 2, relata que Zeus tirou a voz aos animais e a deu aos homens, atribuindo, por exemplo, a voz do cão a Eudemo (CALL., *Iamb.*, 2.10), que parece ser um opositor literário (DUBERC 2006, 148, n.403). A imagem é comum na comédia antiga: em Crátino, o inimigo vituperado está latindo (βαύζει) (STOREY 6).⁴¹ Aristófanes fala na língua má (κακῆς γλώττης) de uma cachorra (*Ach.*, 6) e figura um debate como uma mordida: ἔτοιμός εἰμ’ ἔγωγε, κοῦκ ἀναδύομαι, / δάκνειν δάκνεσθαι πρότερος, εἰ τούτῳ δοκεῖ, / τᾶπη, τὰ μέλη, τὰ νεῦρα τῆς τραγωδίας (*Ra.*, 860-62).

Na comédia latina, a relação é contraditória: *et praeter eos agnos meus est istic clam mordax canis* (PL., *Bac.* 1146). Mais amplamente, no *Menaechmi*, 714ss, Plauto relata que Hécuba era chamada de cadela pelos gregos por causa de suas invectivas: *SOS. non tu scis, mulier, Hecubam quapropter canem / Graii esse praedicabant? MAT. non equidem scio. / SOS. quia idem faciebat Hecuba quod tu nunc facis: / omnia mala ingerebat, quemquem aspexerat. / itaque adeo iure coepta appellari est canes.* (PL., *Men.*, 714-18).

Na sátira, veja-se, por exemplo, em Lucílio e em Varrão: *inritata canes quam homo quam planius dicit* (LUCIL., 2); *inde canino ricto oculisque / inuolem* (LUCIL., 1095-96); *quid est? quid latras? quid rabis? quid uis tibi?* (VAR., *Men.* [*Idem Atii quod Titi*], 217). O tropo atinge Horácio, em cujo epodo 6 o inimigo é como um cão que late para

40 Em um símile homérico (*Od.* 20.14-16), Odisseu, desejoso de atacar os pretendentes, é comparado a uma cadela que late no coração: ὤς δὲ κύων ἀμαλῆσι περὶ σκυλάκεσσι βεβῶσα / ἄνδρ’ ἀγνοήσασ’ ὑλάει μέμονεν τε μάχεσθαι, / ὤς ῥα τοῦ ἔνδον ὑλάκει ἀγαιομένου κακὰ ἔργα.

41 Cf., no mesmo sentido, STOREY 25 e 266. De Êupolis, cf. STOREY 220.

os transeuntes inofensivos, mas é covarde diante dos lobos. No fragmento 1095-96, transcrito *supra*, o contraponto oferecido por Lucílio parece claro,⁴² pois o *ethos* recusado por Ênio é aqui assumido de bom grado, isto é, os grunhidos caninos como “representação simbólica da cólera... e da hostilidade” (CHARPIN 1991, 209). Comparando as duas passagens, Gratwick afirma: “Um [Ênio] rejeita, o outro [Lucílio] aceita, de bom grado, o κυνικός τρόπος, o papel cínico e a acusação de hidrofobia” (GRATWICK 1982, 159).

É possível, assim, que a passagem aqui comentada indique um comentário de Ênio a respeito – mais que de uma inclinação pessoal – do próprio gênero, declarando assim que seus comentários satíricos, ainda que críticos e moralizantes, não pertencem ao gênero invectivo mais duro da tradição iâmbica arcaica, mas são mais afeitos à crítica moderada e racional como, por exemplo, em Calímaco e, posteriormente, nas sátiras de Horácio. A leitura é coerente com aquela proposta para os fragmentos 11, 12 e 14, *supra*.

42 Muecke formulou o ponto em termos particularmente claros: “No caso de este verso querer significar que o poeta Ênio ‘não morde em resposta’ (mesmo quando é atacado), encontraria aqui uma exemplificação precoce o complexo metafórico do cão como *alter ego* do poeta iâmbico ou do poeta satírico (cf. Horácio, *epod.* 6; *sat.* 2, 1, 84-85; Pérsio, 1, 108-110 [?]), ou como imagem engraçada para designar o pregador cínico (de *kýon*, ‘cão’: Horácio, *epist.* 1, 17, 18 *mordacem Cynicum*). Poderia ser significativo o contraste com Lucílio, 1000-1001 W: ‘deixa que eu te assalte com dentes e olhar de cão’, no caso em que o fragmento se referia à própria pessoa do poeta: Lucílio, distintamente de Ênio, não teria tido dificuldade de se colocar no papel do cão pronto a morder” (MUECKE 2007).

HIPOTETICAMENTE ATRIBUÍDOS ÀS SÁTIRAS⁴³

20 Prisc., in *GLK* II, 434 =
VAHLEN 64:

non quoque philosophor archi-
tector poetor in usu habuimus.
Ennius,

numquam poetor nisi si podager

20 Prisciano, *Grammatici Lati-
ni*, ed. Keil, II, p. 434., 8-10 =
VAHLEN 64:

Também não usamos *philosophor*
[filosofo], *architector* [arquiteto],
poetor [escrevo poesia]. Ênio:

*eu nunca escrevo poesia se não
estiver com gota*

Metro: início de senário iâmbico

Comentários:

Prisciano se interessou pelo uso do verbo *poetor* no excerto, raríssimo.⁴⁴

Boa parte da discussão sobre o fragmento apoia-se na frágil perquirição da vida do poeta com fundamento nos excertos escritos em primeira pessoa, como parte de uma espécie de “ilusão biográfica” na interpretação dos textos poéticos antigos. No caso, tal leitura sustenta-se sobretudo em um passo de Horácio que, muito certamente, ecoou o trecho em exame: *Ennius ipse pater numquam nisi potus ad arma / prosiluit dicenda* (HOR., *Ep.*, 1.19.7). Horácio substituiu aqui a referência ao poeta que sofria de gota (*podager*) pelo poeta bêbado (*potus*). Parte significativa da literatura levou a interpretação ao pé da letra, complementando-a com texto de Sereno, que buscou, ao que tudo indica, combinar as duas referências em um todo coerente: *Ennius ipse pater, dum pocula siccat iniqua, / hoc uitio tales fertur meruisse dolores* (*Liber medicinalis*, 706-707). Assim, por exemplo, Waszink afirma, sem qualificação, que, “para a composi-

43 Note-se que, após os fragmentos 20, 21 e 22, todos os demais são fragmentos hexamétricos. Frequentemente o postulado de atribuição às sátiras, nesses casos, é a inadaptação semântica de tais versos aos *Anais*, o que, conforme se verá adiante (cf. comentário ao fragmento 25) é bastante questionável.

44 Cf. *Thesaurus Linguae Latinae*, coll. 2521-22.

ção de seus versos, Ênio costumava buscar inspiração no vinho” (WASZINK 1971, 118).⁴⁵

A imagem parece mais afeita ao mesmo dossiê que o *Pro Archia* de Cícero (cf., *supra*, item 11), como parte da construção da imagem de Ênio como poeta inspirado, do que como leitura filologicamente acurada. Aristófanes indicia uma compreensão crítica do *poeta uinosus* que talvez seja mais ao ponto aqui. Uma personagem dos *Cavaleiros* de Aristófanes pede que lhe tragam vinho para que possa dizer algo de engenhoso (ἴν' ἄρω καὶ λέγω τι δεξιόν, AR., Eq., 96 e 114); embriagado, conseguirá – a comicidade é reforçada pela sequência de diminutivos – produzir pequenos conselhos, pequenas máximas, pequenas ideias: καταπάσω / βουλευματίων καὶ γνωμιδίων καὶ νοιδίων (AR., Eq., 99-100). O trecho, evidentemente, é uma brincadeira com a ideia do *poeta uinosus*.⁴⁶

Posta ao lado, com cautela, o que parece ser uma pista falsa, pensamos que o fragmento possa ser lido não como uma representação comprometida com a acuidade autobiográfica, mas como potencial testemunho privilegiado da poética eniana. Vejamos.

Nos *Acarnenses*, Aristófanes recrimina Eurípides por compor com os pés levantados ao criar personagens mancas (AR., Ach., 411ss). O excerto ganha inteligibilidade quando confrontado com passo mais extenso das *Tesmoforias* (AR., Thes., 146ss). A personagem do poeta Agatão responde à crítica a respeito de seus trajes efeminados explicando que o poeta deve conformar suas atividades ao tipo de poesia que compõe: χρῆ γὰρ ποιητὴν ἄνδρα πρὸς τὰ δράματα / ἃ δεῖ ποιεῖν πρὸς ταῦτα τοὺς τρόπους ἔχειν (AR., Thes., 149-50). Assim, é necessário compor poesia de acordo com a própria natureza (ὁμοία γὰρ ποιεῖν ἀνάγκη τῇ φύσει, AR., Thes., 167) ou buscar, na imitação, as qualidades que permitirão compor tal tipo de poesia quando aquelas qualidades faltam (ἀνδρεῖα δ' ἦν

45 Cf. para uma releitura do problema, RUSSO 2007, 162-63.

46 Cf., no entanto, nas *Rãs*, especialmente 813ss, a crítica a Eurípides, dissecador e cinzelador de palavras, por suas excessivas sutilidades, e o elogio a Ésquilo, comparado à força de um cavalo natural em galope.

ποιῆ τις, ἐν τῷ σώματι / ἔνεσθ' ὑπάρχον τοῦθ'. ἃ δ' οὐ κεκτήμεθα, / μίμησις ἤδη ταῦτα συνηρεύεται, AR., *Thes.*, 154-56). Daí a conclusão de Mnesíloco, arrematando o passo, de que a poesia de determinados poetas tem as feições próprias à natureza de cada um: ταῦτ' ἄρ' ὁ Φιλοκλέης αἰσχροὺς ὦν αἰσχροῶς ποιεῖ, / ὁ δ' αὖ Ξενοκλέης ὦν κακὸς κακῶς ποιεῖ, / ὁ δ' αὖ Θεόγνις ψυχρὸς ὦν ψυχροῶς ποιεῖ (AR., *Thes.*, 168-70).

O que importa reter desse esboço de teoria poética é a ideia de que escrever determinado gênero de poesia demanda uma vida conforme àquele gênero – fosse ela a ilusão de uma vida conforme a ele –, seja por predisposição natural, seja por um esforço imitativo nas próprias ações da vida. Admitido que, na tradição aristofânica, “a gota, uma doença dolorosa das extremidades, associava-se a um tipo de vida hedonístico (cf. Aristófanes, *Plut.* 559-561)” (MUECKE 2007, 224, n.13) e que, também na tradição da comédia latina, o *podagrosus* é, por excelência, uma imagem cômica (PL., *Poen.*, 532), parece possível propor a hipótese de que Ênio não esteja prosaicamente reclamando de uma condição física, mas aludindo a um modelo poético segundo o qual a escrita poética (satírica) corresponde a um estilo de vida (hedonístico, cômico, etc.), que vai simulado, na figura do enunciador do texto (que não é o poeta de carne e osso) como um satírico portador de gota.

Vale, arrematando, indicar trecho de Lucílio em que figura o adjetivo *podagrosus*, embora sem relação evidente com a atividade poética, que seria imprudente solicitar em demasia ante a falta de contexto adicional: *quod deformis senex ἀρθριτικός ac podagrosus / est, quod mancus miserque exilis ramite magno* (LUCIL., 331-32).

21 FEST. 402 L (309 M) =
VAHLEN 65:

subulo, Tusce tibicen dicitur,
itaque Ennius:

*subulo quondam marinas propter
adstabat plagas*

VAR., L., 7.35:

apud Ennium

'subulo... adstabat taquast';

subulo dictus quod ita dicunt
tibicines Tusci.

21 Sexto Pompeio Festo, *Sobre o
significado das palavras*, 402 L (309
M) = VAHLEN 65:

subulo: em língua etrusca, cha-
ma-se o flautista, assim Ênio:

*outrora estava um flautista perto das
ondas marinhas*

Varrão, *Sobre a Língua Latina*, 7, 35

em Ênio

'um flautista... estava perto das
águas'

diz *subulo* porque assim os etrus-
cos chamam os flautistas.

Metro: septenário trocaico

Comentários:

A passagem chamou a atenção tanto de Festo como de Varrão pela palavra *subulo*, de origem alegadamente etrusca – etimologia confirmada recentemente por Wolfgang Cirilo de Melo (2019, 941) –, que não vem transmitida por testemunho independente dessa passagem de Ênio. A diferença entre o texto de Festo e o de Varrão gera alguma dúvida, mas, infelizmente, não se pode decidir definitivamente por uma ou outra solução.⁴⁷

Note-se a coincidência métrica com o fragmento 17, proveniente de uma fábula.

No verso em tela, sem que haja muita margem para dúvidas, trata-se de fábula que se encontra em relato de Heródoto – que narra ter ela sido contada a embaixadores gregos por Ciro (ἔλεξέ σφι λόγον, 1.141) –, em Bábrio (9), bem como em outras recolhas anônimas pertencentes à tradição esópica (cf. CHAMBRY 24 =

47 “Varrão transmite *aquas*, ‘águas’, ao passo que Fest. 402 traz *plagas*, ‘margens’. Ambas fazem sentido e cabem no metro, mas, se aceitarmos *aquas*, temos que assumir que a última vogal em *astabat* ainda é longa (cf. 7.33). A posição de *propter* ‘perto de’ é pouco comum. *Propter* pode ainda ser posposta na poesia clássica, mas a ordem adjetivo-*propter*-verbo-substantivo é rara” (MELO 2019, 941).

PERRY 11). Cuida – com relevantes variações – da história de um pescador ou flautista que visava a atrair os peixes para a praia com seu instrumento. Não obtendo sucesso, socorreu-se de uma rede. Vendo-os, então, movimentar-se nela, comenta sobre o fato de que, antes, quando tocava, não se mexeram, mas agora, que não mais toca, não param de dançar. Em *Bábrío*, uma conclusão sentenciosa é posta como remate da fábula em parte da tradição manuscrita: Οὐκ ἔστιν ἀπόνως οὐδ' ἀλύοντα κερδαίνειν. / ὅταν καμῶν δὲ τοῦθ' ἔλῃς ὅπερ βούλει, / τὸ κερτομεῖν σοι καιρός ἐστί καὶ παίζειν (*BABR.*, 9.11-13).⁴⁸

Waszink chamou a atenção para a presença da palavra *quondam* nesse fragmento, o que é uma indicação suplementar de que se trata do primeiro verso de uma fábula: “Ademais, eu gostaria de acrescentar a observação de que o verso contém a palavra *quondam*, que frequentemente ocorre no primeiro verso de uma fábula, como, por exemplo, *Phaedrus* I 6, 3: *Vxorem quondam Sol cum uellet ducere*; *id.* I 24, 2: *In prato quondam rana conspexit bouem*; I 28, 3. etc.” (*WASZINK* 1971, 168).⁴⁹

Russo realizou um interessante cotejo entre esse verso e as distintas versões da fábula, demonstrando que, à semelhança de Heródoto, a personagem é nomeada por Ênio como um flautista, e não como um pescador que toca flauta (como em *Bábrío* e em *CHAMBRY* 24 = *PERRY* 11). No entanto, como em *CHAMBRY* 24 = *PERRY* 11, ele se posiciona à proximidade do mar (*παρεγένετο εἰς τὴν θάλασσαν καὶ στάς ἐπὶ τινος προβλήτος πέτρας...*), ao passo que a posição do pescador ao tocar a flauta não é precisada nem em Heródoto nem em *Bábrío* (*RUSSO* 2007, 171-2). Assim, e diante, mais uma vez, da falta de contexto suplementar, não é possível identificar a narrativa de Ênio com uma ou outra tradição da fábula – se é que a tradição a que teve acesso chegou até nós – e

48 Também em *CHAMBRY* 24 (*Πρὸς τοὺς παρά καιρόν τι πράττοντας ὁ λόγος εὐκαιρος.*), mas a sentença não figura em *PERRY* 11, nem mesmo em seu aparato crítico.

49 Cf., ainda, *RUSSO* 2007, 168.

averiguar em que medida Ênio pode ou não ter inovado dentro da tradição que o atingiu.

Sobre a relação das sátiras enianas com a fábula, cf., *supra*, fragmento 17.

22 PAUL. 51 L (59 M) = VAHLEN 66:

idem [Ennius] cum dicit:

propter stagna ubi lanigerum genus piscibus pascit

esse paludem demonstrat in qua nascuntur pisces similes ranunculis, quod oues consecratae edunt.

22 Paulo Diácono, *Epítome de Festo*, 51 L (59 M) = VAHLEN 66:

o mesmo [Ênio] quando diz:

perto de pauis, onde o gênero portador de lã se alimenta com peixes

mostra haver um paul em que nascem peixes semelhantes a rãzinhas, que as ovelhas perseguem e comem.

Metro: hedifagético?

Comentários:

O fragmento foi preservado pelas informações sobre a fauna que supostamente traz. A natureza de *ranunculis* é, no entanto, debatida, pois poderia se tratar tanto de uma flor como de um batráquio (COURTNEY 2011, 19). Courtney mostra ceticismo sobre a atribuição às sátiras: “eu deixei este fragmento com as *Sátiras*, embora não me pareça certo que ele não possa pertencer alhures” (COURTNEY 2011, 19).

O metro, associado à liberdade com que Ênio trata o hexâmetro em suas *Hedyphagetica* (GOLDBERG; MANUWALD 2018b, 261), é de matriz hexamétrica.

A expressão *genus lanigerum*, para se referir às ovelhas, ecoa linguagem épica do próprio Ênio: *oua parire solet genus pennis condecoratum, / non animam* (“o gênero decorado com penas costuma parir ovos, não alma”) (VAHLEN 10-11); *...seruat genus altiuolantum* (“... cuida do gênero que voa no alto”) (VAHLEN 81). Referindo-se às ovelhas como *lanigerae*, é possível que Varrão esteja ecoando Ênio nas menipeias: *haec lanigeras detonderi docuit tunicareque homullum* (VAR., *Men.* [Λογομακία], 242). Mas o composto também está no *Brutus*, de Ácio (*pecus lanigerum*, DANGEL 654). O mesmo autor, na

Philocteta, vale-se de compostos semelhantes, com *-ger* (*pinnigero, non armigero in corpore / tela exercentur*, DANGEL 222).

Waszink pensa tratar-se também aqui de fábula (WASZINK 1971, 126), talvez pelas referências a animais, mas a afirmação parece, assim posta, basear-se em argumento demasiadamente tênue. O contexto parece, infelizmente, escapar à nossa apreensão.

23 Cíc., *N.D.*, 1.97 = VAHLEN 69:

ipsa uero quam nihil ad rem pertinet quae uos delectat maxime similitudo. quid? canis nonne similis lupo atque ut Ennius:

simia quam similis, turpissima bestia, nobis

at mores in utroque dispares.

23 Cícero, *Sobre a natureza dos deuses*, 1.97 = VAHLEN 69:

a semelhança, que vos agrada imensamente, como ela é totalmente fora de propósito. Por quê? O cão não é semelhante ao lobo, como diz Ênio?

o macaco, animal de imensa vileza, quão semelhante a nós

Mas os costumes são distintos em um e no outro.

Metro: hexâmetro

Comentários:

A figura do macaco e, mais que isso, a comparação negativa entre homem e macaco é uma tópica bastante comum na Antiguidade. O macaco é personagem da poesia iâmbica de Arquíloco, em diálogo com a tradição fabular do *corpus* esópico (notadamente PERRY 81 = CAMBRY 38) (cf. CORRÊA 2010, 147), sendo considerado, desde a Grécia arcaica, “no mínimo, uma cópia imperfeita do ser humano” (CORRÊA 2010, 148). Ainda na poesia iâmbica, poema de Semônides fala de diferentes tipos de mulheres, feitas por Zeus a partir de distintos animais, resultando do macaco uma mulher feia e enganadora (WEST 7, 71-82).

Assim, a ideia da *turpidissima bestia*, aplicada ao macaco, goza de larga ascendência. É o caso de passos de Aristófanes: ἄπερ πίθακον

ἀλιτρίας πολλὰς πλέων (*Ach.*, 907), *Eq.*, 887.⁵⁰ A ideia prossegue na comédia latina, a exemplo do *Temerarius* de Afrânio: *quis hic est simia, qui me hodie ludificatus est?* (DAVIAULT 333) – aqui *ludificor* provavelmente no sentido de enganar (*deludere, decipere*, segundo a leitura do fragmento pelo *Thesaurus linguae Latinae*).

Conforme notou Catherine Connors, Plauto, especificamente, explorou um jogo linguístico que não era possível em grego, mas que se mostrou muito produtivo em latim, entre *simia/simius* e formas do adjetivo *similis* (CONNOR 2004, 183). Talvez estejamos, mais propriamente, diante de uma figura etimológica. Confira-se: *atque hominem inuestigando operam huic dissimulabiliter dabo, / qui fuerit conseruos qui hodie sit sectatus simiam* (Pl., *Mil.*, 260-61). Aqui, também, nosso fragmento se insere em tradição relevante (como sua fonte primeira?), que será perseguida por satiristas como Horácio (S., 1.10.18-19)⁵¹ e Juvenal (10.191 e 195), atingindo Ovídio (*Met.*, 14.91-100), Marcial (7.87.4), Plínio o Velho (*Nat.*, 11.246), Sereno (*Liber medicinalis*, 819), dentre outros.

Russo imagina a possibilidade de o fragmento estar “posto em uma fábula de tipo esópico, em que a macaca é uma das personagens mais difundidas, desde Arquíloco (185-87 W.)” (RUSSO 2007, 180). A hipótese é rechaçada por Waszink, que pensa, em contração com outras passagens (cf., *supra*, fragmentos 11 e 21), que o hexâmetro não seria o metro eniano para as fábulas (WASZINK 1971, 126). O problema não parece de solução possível no estado de nossos testemunhos.

Destaque-se, de todo modo, o passo horaciano acima referido, pelo contexto interessante em que se encontra inserido. Para o satirista, devem-se imitar os autores da comédia antiga, e não aquele “macaco” que não sabe cantar nada a não ser Catulo e Calvo: *ne-*

50 O macaco é figura muito frequente na comédia de Aristófanes. Além dos dois passos já citados, cf. *Ach.*, 120; *V.*, 1290; *Av.*, 440; *Th.*, 1133; *Ra.*, 708, 1085; *Pax*, 1065.

51 Conforme Gowers, comentando o passo, “[o] jogo *simius/similis* de Ênio está implícito: ‘macaco’ significa sobretudo a imitação servil de poesia neotérica da moda” (GOWERS 2012, 316).

que simius iste / nil praeter Caluom et doctus cantare Catullum (HOR., S., 1.10.18-19). O contexto de polêmica literária é instigante, e sem dúvida viável, mas, novamente, a falta de contexto – e mesmo a incerteza a respeito de termos que ver com fragmento satírico – não permite investir nessa chave de leitura de modo consistente. Ademais, a ser esse o caso, o fragmento conteria uma invectiva bastante dura, que precisaria se haver com o conteúdo dos fragmentos 11, 14 e 19, *supra*.

24 FEST. 444 L (330M) = VAHLEN 70:

scirpus est id quod in palustribus locis nascitur leue et procerum unde tegetes fiunt. inde prouerbium est in eas natum res quae nullius impedimenti sunt, in scirpo nodum quaerere. Ennius:

quaerunt in scirpo, soliti quod dicere, nodum

24 Paulo Pompeio Festo, *Sobre o significado das palavras*, 444 L (330M) = VAHLEN 70:

o junco é aquela [planta] leve e alongada que nasce nas regiões pantanosas, a partir da qual se fazem esteiras. Daí nasceu o provérbio, sobre aquelas coisas que não oferecem obstáculo, de que se trata de “buscar nó no junco”. Ênio:

procuram, como se costuma dizer, um nó no junco

Metro: hexâmetro

Comentários:

Foi a relação entre um nome de planta e um provérbio que interessou o gramático Sexto Pompônio Festo nessa passagem.

A expressão composta por *soliti* seguido de infinitivo é encontrada em Ênio: *Nam ui depugnare sues stolidi soliti sunt* (“pois javalis obtusos costumam resolver seus conflitos por meio da força”) (VAHLEN 105); *Poeni soliti suos sacrificare puellos* (“cartagineses acostumados a sacrificar seus filhos”) (VAHLEN 221). O interessante nesse uso é a substituição do usual *solent* por *soliti sunt*. Para Skutsch, comentando *stolidi soliti (sunt)*: “a influência de *consueui* parece, em conjunção com a natureza indiferente ao tempo do

participio, ser responsável pelo uso frequente de *solitus sum* por *soleo*" (SKUTSCH 2003, 243).⁵²

Atestando a natureza de provérbio e sua possível conexão com a sátira, a expressão vem também empregada por Lucílio: ...*nodum in scirpo, in sano facere ulcus* (LUCIL., 36). Na comédia, está em PL., *Men.*, 247 (*in scirpo nodum quaeris*) e em TER., *An.*, 941 (*nodum in scirpo quaeris*). Marouzeau explica o que chama de "expressão proverbial" nos seguintes termos: "'procuras dificuldades onde elas não existem' (um junco não tem nós)" (MAROUZEAU 1947, 197, n.2).

Os textos em que recorre a expressão (cômicos e satíricos) poderiam militar em favor da atribuição do fragmento às sátiras, e é, como se sabe, o conteúdo de um fragmento hexamétrico não localizado que, muita vez, impeliu os filólogos a atribuir um fragmento às sátiras antes que aos *Anais*. A inferência, no entanto, é tudo menos segura. Cf. o comentário ao fragmento 25, *infra*.

25 PERS, 6.9-11:

Lunai portum, est operae, cognoscite, ciues:

cor iubet hoc Enni, postquam
destertuit esse / Maeonides
Quintus pauone ex Pythagoreo

25 Pérsio, *Sátiras*, 6.9-11:

*Conhecei, vale a pena, o porto de
Luna, cidadãos:*

isso manda o coração de Ênio,
depois que ele roncou que era /
Maeônide Quinto por meio de
um pavão pitagórico.

52 Note-se que VAR., *L.*, 9.107, comenta que Ênio, como Catão, usa *solui*, e não *solitus sum* no *perfectum*, o que indica que levar em conta a natureza semi-depoente de *soleor/solitus sum* não resolve o problema dessa perífrase. A solução parece repousar em entender *solitus/soliti* como participio perfeito sem sentido passivo. Na explicação de MELO (2019, 1190): "o participio passivo nem sempre teve sentido passivo, como ainda se pode ver em *cenatus*, 'tendo jantado', e *potus*, 'tendo bebido'. Mas, quando ele adquiriu sentido passivo mais consistentemente, *solitus* e outros semelhantes passaram a ser considerados estranhos, de onde as inovações ativas [como *solui*]"

Metro: hexâmetro

Comentários:

Esta passagem, que é uma citação de Ênio em Pérsio – comparável com a citação de Ênio por Horácio em *S.*, 1.4.60-61, identificada pelos escoliastas (*hunc uersum ad suum carmen de Ennii carminibus transtulit*, JAHN 1843, 342) – guarda íntima relação com o famoso sonho de Ênio, reportado no início dos *Anais*, segundo relata Cornuto, em seu comentário (GOLDBERG; MANUWALD 2018a, 112-13). Do sonho, guarda-se, por exemplo, a seguinte passagem, diretamente relacionada com o contexto do fragmento aqui tratado: *memini me fieri pauom* (“eu me lembro de me tornar um pavão”) (VAHLEN 15).

Courtney argumenta extensamente, com base no momento de inauguração do porto de Luna, em 177 a.C., que se trata de passagem que não poderia estar nos *Anais*, certamente não no primeiro livro, concluindo: “é muito mais provável que [*postquam*] signifique que, após compor os *Anais*, Ênio escreveu esse verso em alguma outra obra em que não estava escrevendo em um transe, mas com sua inteligência intacta (*cor*; cf. Ann. 546 *corde relinquit somnum*)” (COURTNEY 2011, 20). Trata-se de fragmento atribuído às sátiras já por Housman, em 1934: “Nenhum verso assim poderia ser parte de nenhum poema épico. Um poeta épico não faz uma apóstrofe a seus leitores e lhes oferece conselhos. O verso vem de alguma outra obra de Ênio, muito provavelmente de suas sátiras, onde ele estaria em seu ambiente apropriado” (HOUSMAN 1934, 51).

A afirmação, no entanto, é temerária em si mesma. Como notou Mariotti, em interpretação mercedamente célebre dos *Anais*, “riqueza e variedade de motivos, mesmo tradicionalmente não-épicas, são a característica mais relevante do conteúdo dos *Anais*” (MARIOTTI 1991a, 74). A pedra de toque da poesia eniana, incluídos os *Anais*, seria o valor da variedade. Isso vale igualmente para as sátiras: “as *Saturae* devem ser consideradas, em nossa opinião, a obra central e mais típica, por sua experiência estilística, de Ênio, seu legado mais pessoal para a tradição literária romana” (MARIOTTI 1991a, 78). Sob esse ponto de vista, Mariotti chega mesmo a

categorizar os *Anais* como “uma espécie de grande *satura* de argumento histórico” (MARIOTTI 1991a, 80). O fragmento eniano mais tipicamente satírico, para Mariotti, seria o do “amigo de Servílio” (MARIOTTI 1991a, 80), no livro VIII dos *Anais* (VAHLEN 234-52). Reportando-nos ao caso em questão, devemos ter em conta outro fragmento eniano em que uma cidade é associada a um belo porto, fragmento citado por Gélío como extraído dos *Anais* (GELL., 7.6.6): *Brundisium pulcro praecinctum praepete portu* (“Brundísio, rodeada por um belo e alado porto”) (VAHLEN 488).

Skutsch, mantendo o fragmento ora em comento entre os de localização incerta, escreve que “a fundação da colônia poderia ter sido mencionada nas *Sátiras*, algumas das quais podem bem ter sido escritas após 177 a.C” (SKUTSCH 2003, 751). O próprio Vahlen atribuiu o fragmento ao primeiro livro dos *Anais*, e recentemente Flores emitiu a hipótese de que o verso adviria do *Protrepticus siue Praecepta* (cf. RUSSO 2007, 184). Com efeito, à luz dos ponderosos elementos aportados por Mariotti, parece-nos que não se deve acolher afirmação peremptória sobre o assunto, sob o risco de impor sobre os gêneros tais quais construídos por Ênio convenções que talvez ele não seguisse e às quais possivelmente se opusesse proposadamente (cf., *supra*, introdução).

Um antecedente de grande interesse no contexto da discussão em tela se encontra na comédia antiga, na peça *Φορμοφόροι*, de Ermipo (s. V a.C.), em que, sob o signo de uma invocação às musas e em hexâmetro dactílico, o poeta pede ajuda a elas para cantar as boas mercadorias trazidas por Dioniso como comerciante e, no fazê-lo, organiza a lista dos produtos pelas regiões de onde são importadas (STOREY 62) (cf. RUSSO 2007, 184).⁵³⁻⁵⁴ O caso indica a

53 Adicione-se, ao dossiê da comédia antiga, fragmento de localização incerta de Lisipo (STOREY 8), em que se encontram três versos de elogios a Atenas.

54 Outro ponto da dicção que merece breve atenção é a expressão *operae est*, que, com ou sem complemento no infinitivo, figura sobretudo na comédia. Cf., por exemplo: *occupata est, operae non est, non potest* (PL., *Mil.*, 252); *operae ubi mi erit, ad te uenero* (PL., *Truc.* 883). Parece, contudo, que se

possibilidade de uma interpenetração entre dicção cômica e épica em excerto assemelhado ao nosso. Há, ademais, na tradição satírica romana, um paralelo relevante em Juvenal, em poema que contém um elogio de Cumas, no contexto da iminente partida do amigo Umbrício, desgostoso com Roma, para aquela localidade: *ianua Baiarum est et gratum litus amoeni / secessus* (Juv., 3. 4-5).

Épica impregnada de *uarietas* eniana ou sátira gravada (como a comédia, cf. fragmento 9, *supra*) de antropofagia épica? Não parece possível responder, mas talvez o ponto relevante seja justamente esse, pelo que importa à própria concepção do gênero (cf. introdução, *supra*).

26 VAR., L., 7.71 = VAHLEN 67:

apud Ennius:

*decem coclites quas montibus sum-
mis Ripaeis fodere*

ab oculo cocles ut ocles dictus
qui unum haberet oculum.

26 Varrão, *Sobre a Língua Latina*,
7.71 = VAHLEN 67:

em Ênio:

*que dez ciclopes cavaram no alto
dos montes Rípeus*

cocles, de olho (*oculo*), como se
ocles, dizia-se de quem tinha um
só olho.

Metro: hexâmetros incompletos

Comentários:

O excerto foi transmitido por Varrão devido ao emprego do termo *cocles*. Wolfgang Cirilo de Melo aponta que se trata do mesmo termo que ciclope, a partir da palavra etrusca correspondente: “*Cocles* vem de κύκλωψ por meio do etrusco *cuclu*, ambos significando ‘ciclope’. A etimologia da palavra reflete a mais proeminente característica do gigante: κύκλωψ é um composto cujo primeiro membro é κύκλ-ο-ς, ‘roda’ e cujo segundo membro é o arcaico ὄψ, ‘olho, aparência’, uma raiz também encontrada no futuro ὄψομαι, ‘eu verei’” (MELO 2019, 984). Segundo o pesquisador relata, o termo logo saiu de uso, tendo sido substituído por *cyclops*, a partir do grego clássico, como em LUCIL. 480-83 (*Multa homines portenta in*

deva entender a expressão como equivalente de *est operae pretium*, com elipse do *pretium*. Cf., com verbo que também figura em nosso fragmento, HOR., *Ep.*, 2.1.229: *Sed tamen est operae pretium cognoscere...*

Homeri uersibus ficta / monstra putant; quorum in primis Polyphemus ducentos / Cyclops longus pedes; et porro huic maius bacillum quam malus navi in corbita maximus ulla (MELO 2019, 984).

Melo tem em mente também versos do *Curcúlio* de Plauto (393-4, cf. *infra*), citados por Varrão no mesmo capítulo.⁵⁵

No entanto, é preciso levar em consideração fragmento do livro IX dos *Anais* transmitido por Prisciano e não tomado em consideração por Melo, em que já figura a forma reputada clássica: *Cuclo-pis uenter uelut olim turserat alte / carnibus humanis distentus...* (“assim como certa vez o ventre do ciclope havia se inchado muito, / estendido com carne humana”) (VAHLEN 321-22). Assim, e à míngua de outros testemunhos arcaicos, parece-nos dever ser posta em suspenso a interpretação evolutiva de *cocles* a *cyclops*.

A história referida é a dos Arimaspi, homens de um só olho que se apropriavam do ouro guardado pelos grifões. A narrativa se encontra primeiramente no poeta Aristeas de Proconesso (680-540 a.C.), que escreveu um poema épico, hoje perdido, sobre essas personagens (fonte explícita de Heródoto: 4.13), e ecoa em diversos autores posteriores,⁵⁶ notadamente em Heródoto: 3.116; 4.13 e 4.27. Segundo o historiador, *Arimaspi* seria composto de mesmo sentido que *cocles/cyclops*, significando aqueles que têm um só

55 Em sua edição de Plauto, Melo grafia *coculitum* (MELO 2011b, 274), sem indicar variantes no aparato crítico. No entanto, trata-se de conjectura de Ribbeck acatada por Lindsay entre outros, ao passo que os manuscritos trazem *coclitum* (ERNOUT 1961, p. 86), como Varrão na citação que se segue imediatamente ao fragmento eniano em comento. Ernout associa essa grafia ao passo de Varrão ora em comento, bem como a passo do comentário serviano à Eneida (8, 649) (ERNOUT 1961, p. 86), de resto também lembrado por Melo (2019, 984). No comentário a Varrão, Melo justifica sua edição pela dificuldade métrica de *coclitum* no metro plautino: “talvez *cocles* também possa ter -ō- ou talvez Plauto tenha inserido uma vogal epentética, e nós devemos ler *Cōcūlitum*; eu me inclino a essa segunda solução, já que Plauto tem variação entre *pōclum*, tradicional (*Persa* 775a) e a por ele formada *pōcūlum* (*Truc.* 43), com epêntese para desfazer o encontro consonantal” (MELO 2019, 984-85).

56 Cf., sobre o ponto, BOLTON 1962.

ολιο (ἄνδρας μονοφθαλμούς, HER. 4.13): καὶ ὀνομάζομεν αὐτοὺς σκυθιστὶ Ἄριμασπούς: ἄριμα γὰρ ἐν καλέουσι Σκύθαι, σποῦ δὲ ὀφθαλμόν (HER., 4.27). Segundo conta Heródoto, eles habitariam o norte da Europa, de onde tomariam ouro aos grifões, que são seus guardiões (χρυσοφύλακας γρῦπας, HER., 4.13) (HER., 3.116), situados ainda mais ao norte (HER., 4.13). Diversas fontes os situam nos Montes Ripeus (e.g., PLIN., *Nat.*, 4.26) e contam como mais precisamente o ouro é obtido (e.g., PAUS. 1.24.6).⁵⁷

Do ponto de vista da compreensão linguística do fragmento, o verbo *fodere* levanta dificuldades, não apenas pela terminação do perfeito em *-ere* (MELO 2019, 983), mas pelo sentido. Russo propõe *legere* no lugar de *fodere* (a lição dos manuscritos é *federe*), porque se narra que o ouro não era escavado, mas brotava ou corria no rio (RUSSO 2007, 176). Já Melo, preservando a hipótese tradicional *fodere*, propõe que o verbo “aquí significa ‘eles cavaram para dentro/enterraram’, antes que ‘desenterraram’, um uso raro (Plin. *nat.* 21.20, Mela 1.57)” (MELO 2019, 983). Na tradução, mantivemos *fodere* como “cavaram”, já que não nos parece possível estabelecer qual a versão exata da lenda dos Arimaspi que chegou a Ênio.

O fragmento, de localização incerta, foi publicado com as sátiras por Warmington, que notou que ele “sugere uma alusão ridicularizando a riqueza ostensiva” (WARMINGTON 1961, 393). Courtney, comentando a sugestão de Warmington, referenda a atribuição: “é plausivelmente de se atribuir às *Sátiras*” (COURTNEY 2011, 21). No entanto, a questão não pode ser definida peremptoriamente (cf., *supra*, comentário ao fragmento 25).

No entanto, cabem duas observações. A primeira é relativa à especificação de que se trata de “dez” ciclopes, uma particularidade que não se relaciona com outras alusões aos Arimaspi que nos foram legadas. Ora, é possível que a referência a “dez” seja de ser tomada como número típico para expressar uma grande quantidade (assim, e.g., *si linguas decem habeam*, [CAECIL., *Obolostates*] RIBBECK 126-27; *saepe decem utiis instructor*, HOR., *S.*, 18.25, etc.). Nes-

57 Cf. MAIURI 2013, 569.

se sentido, a referência poderia ser ao ouro cavado por “muitos”, “muitíssimos” ciclopes, logo a uma imensa quantidade de ouro, no sentido talvez da “riqueza ostensiva” de que fala Warmington. A segunda observação é a de que, como já se mencionou *supra*, as personagens de um olho só (*cocles*) aparecem na comédia plautina: *de Coclitum prosapia te esse arbitrator, / nam ei sunt unoculi* (PL., *Cur.*, 393-94, cf., *supra*, para a lição adotada). Dada a muita vez constatada afinidade entre a sátira eniana e aquele gênero, e especialmente as comédias de Plauto, a relação pode, com efeito, ser significativa.

27 Don. ad Ter. Andr. 505 =
VAHLEN, *Inc.*, 9:

Ennius:

nec dico nec facio <mu>

Varro, *ling. Lat.* 7, 101:

idem (Ennius) <mu> dicit id
quod minimum est:

neque ut aiunt, μῦ facere audent

27 Donato, *Comentário à Ândria de Terêncio*, 505 = VAHLEN, *Inc.*, 9:

Ênio:

nem digo nem faço “mu”

Varrão, *Língua latina*, 7, 101:

o mesmo (Ênio) chama “mu”
aquilo que há de menor:

nem, como dizem, ousam fazer μῦ

Metro: segunda parte de hexâmetro dactílico

Comentários:

A julgar pelos testemunhos de Donato e de Varrão, é possível que Ênio tenha se servido da expressão μῦ *facere* mais de uma vez. Em Varrão, que traz mais elementos no ponto, a discussão é a respeito do verbo *musso*, *mussare*: *mussare dictum, quod muti non amplius quam μῦ dicunt; a quo idem dicit id quod minimum est: Neque, ut aiunt, μῦ facere audent* (VAR., *L.*, 7.101). Conforme explica Melo, *mussare* “parece ser uma adaptação do grego μύζω ‘eu suspiro, digo mu’” (MELO 2019, 1021). Trata-se de uma formação onomatopáica, como o latim *mugire* (MELO 2019, 1021).

O sentido parece mais denso em alguns passos gregos, como nas *Tesmoforias* de Aristófanes, em que Mnesíloco lamenta com a interjeição redobrada μμῦ, e Eurípides diz-lhe para parar de lamentar usando o verbo cognato: τί μύξεις; πάντα πεποίηται καλῶς (AR., *Thes.*, 231). Em outros casos, como em verso de peça plautina hoje perdida, o *Afer*, o sentido parece mais esfumado, de modo que a expressão talvez tenha adquirido mesmo o sentido mais difuso

de “pronunciar uma palavra” (CHARPIN 1979, 216): *quis tu es qui ducis me: mu. perii hercle! Afer est* (PL., *fragmenta*, 46).⁵⁸

É interessante registrar, de todo modo, que a expressão também se encontra em fragmento de Lucílio: *non laudare hominem quemquam neque mu facere unquam* (LUCIL., 456).

58 Melo propõe a seguinte interpretação alternativa: “Talvez *mu* deva ser interpretado como *MH* púnico, ‘o quê?’. *Afer* pode se referir a qualquer africano, mas é frequentemente usado para se referir aos cartaginezes, que falavam púnico” (MELO 2013, 437, n.1).

BIBLIOGRAFIA

1. EDIÇÕES DE FONTES ANTIGAS:

RECOLHAS DE TEXTOS FRAGMENTÁRIOS:

- BLÄNSDORF, Jürgen (ed.). 2011. *Fragmenta Poetarum Latinorum Epicorum et Lyricorum, praeter Enni Annales et Ciceronis Germanicique Aratea*. 4.ed. New York: De Gruyter.
- COURTNEY, Edward. 2011. *The Fragmentary Latin Poets*. Oxford: Oxford University Press.
- [DANGEL, Jacqueline (ed.)]. 2002. ACCIUS. *Oeuvres*. Paris: Les Belles Lettres.
- DAVIAULT, André (ed.). 2002. *Comoedia Togata: fragments*. Paris: Les Belles Lettres.
- PAGE, Denys Lionel (ed.). 1941. *Select Papyri: poetry*. Cambridge, Ma./London: Harvard University Press [LCL 260].
- RIBBECK, Otto (ed.). 1897. *Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta: volumen I, tragicorum fragmenta*. 3.ed. Leipzig: Teubner.
- RIBBECK, Otto (ed.). 1898. *Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta: volumen II, comicorum fragmenta*. 3.ed. Leipzig: Teubner.
- SCHAUER, Markus (ed.). 2012. *Tragicorum Romanorum Fragmenta: volume 1, Livius Andronicus, Naevius, tragici minores, fragmenta adespota*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht.
- STOREY, Ian C. (ed.). 2011. *Fragments of Old Comedy*. Cambridge, Ma./London: Harvard University Press. 3 v. [LCL 513, 514 e 515].
- WEST, Martin L. (ed.). 1998. *Iambi et Elegi Graeci*. 2.ed. Oxford: Oxford University Press. 2 v..

CALÍMACO:

As referências aos iambos de Calímaco seguem o texto e a numeração de DUBERC 2006.

- [CAHEN (ed.)]. CALLIMAQUE. 1953. *Épigrammes, Hymnes*. Ed. e trad. Émile Cahen. 4.ed. Paris: Les Belles Lettres.
- [DUBERC, Yannick (ed.)]. 2006. CALLIMAQUE. *Fragments poétiques: Origines, Iambes, Hécale, fragments de poèmes*

épiques et élégiaques, fragments de place incertaine. Paris: Les Belles Lettres.

ÊNIO:

As citações de Ênio vão identificadas, no corpo do texto, de acordo com sua numeração em VAHLEN 1903. No entanto, à parte os próprios fragmentos satíricos, que, como explicado na introdução, apoiam-se prioritariamente em BLÄNSDORF 2011, as lições são preferencialmente tomadas a GOLDBERG & MANUWALD, salvo indicação em contrário.

[FLORES, Enrico (ed.)]. 2000. QUINTO ENNIO. *Annali*: volume 1, libri I-VIII. Ed. e trad. Enrico Flores. Napoli: Liguori.

[FLORES, Enrico (ed.)]. 2003. QUINTO ENNIO. *Annali*: volume 3, libri IX-XVIII [et sedis incertae Annalium fragmenta]. Ed. e trad. Enrico Flores. Napoli: Liguori.

GOLDBERG, Sander M.; MANUWALD, Gesine (ed.). 2018a. *Fragmentary Republican Latin: Ennius, testimonia, epic fragments*. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press.

GOLDBERG, Sander M.; MANUWALD, Gesine (ed.). 2018b. *Fragmentary Republican Latin: Ennius, dramatic fragments, minor works*. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press.

JOCELYN, Henry David. 1969. *The tragedies of Ennius*. Cambridge: Cambridge University Press.

[RUSSO, Alessandro (ed.)]. 2007. QUINTO ENNIO. *Le opere minori: introduzione, edizione critica dei frammenti e commento*. Ed. Alessandro Russo. Pisa: ETS.

[SEGURA MORENO, Manuel (ed.)]. 1999. QUINTO ENNIO. *Fragmentos*. Ed. e trad. Manuel Segura Moreno. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

[SKUTSCH, Otto (ed.)]. 2003. *The Annals of Quintus Ennius*. Oxford: Clarendon Press.

VAHLEN, Johann (ed.). 1854. *Ennianae Poesis Reliquiae*. [1.ed.] Leipzig: Teubner.

VAHLEN, Johann (ed.). 1903. *Ennianae Poesis Reliquiae*. 2.ed. Leipzig: Teubner.

[WARMINGTON (ed.)]. 1961. *Remains of Old Latin: I, Ennius, Caecilius*. Ed. e trad. E. H. Warmington. London/ Cambridge, Ma: William Heinemann/Harvard University Press.

ESOPO E TRADIÇÃO ESÓPICA:

[CHAMBRY, Émile (ed.)]. 1985. ÉSOPE. *Fables*. Ed. e trad. Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres.

[PERRY, Ben Edwin (ed.)]. 1965. BABRIUS; PHAEDRUS. *Fables*. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press.

PERRY, Ben Edwin (ed.). 2007. *Aesopica: volume 1, Greek and Latin texts*. Urbana/Chicago: University of Illinois Press.

HORÁCIO:

[GOWERS, Emily (ed.)]. 2012. HORACE. *Satires: Book I*. Ed. e com. Emily Gowers. Cambridge: Cambridge University Press.

LUCÍLIO:

As citações de Lucílio vão identificadas, no corpo do texto, de acordo com sua numeração em MARX 1904-05.

[CHARPIN, François (ed.)]. 1978. LUCILIUS. *Satires: livres I-VIII*. Paris: Les Belles Lettres.

[CHARPIN, François (ed.)]. 1979. LUCILIUS. *Satires: livres IX-XXVIII*. Paris: Les Belles Lettres.

[CHARPIN, François (ed.)]. 1991. LUCILIUS. *Satires: livres XXIX, XXX et fragments*. Paris: Les Belles Lettres.

MARX, Friedrich (ed.). 1904-05. C. *Lucilii Carminum Reliquiae*. Ed. e com. Friedrich Marx. Leipzig: Teubner. 2 v..

PÉRSIO :

[JAHN, Otto (ed.)]. 1843. *Auli Persii Flacci Satirarum Liber cum Scholiis Antiquis*. Ed. Otto Jahn. Leipzig: Breitkopf und Härtel.

PLAUTO :

As referências a Plauto seguem o texto de MELO 2011a a 2013.

[ERNOUT, Alfred (ed.)]. 1961. PLAUTE. *Comédies: tome III, Cistellaria, Curculio, Epidicus*. 2.ed. Paris: Les Belles Lettres.

- [ERNOUT, Alfred (ed.)]. 1962. PLAUTE. *Comédies*: tome VI, Pseudolus, Rudens, Stichus. 3.ed. Paris: Les Belles Lettres.
- [MELO, Wolfgang de (ed.)]. 2011a. PLAUTUS. *Amphitryon, The Comedy of Asses, The Pot of Gold, The Two Bacchises, The Captives*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press [LCL 60].
- [MELO, Wolfgang de (ed.)]. 2011b. PLAUTUS. *Casina, The Casket Comedy, Curculio, Epidicus, The Two Menaechmuses*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press [LCL 61].
- [MELO, Wolfgang de (ed.)]. 2011c. PLAUTUS. *The Merchant, The Braggart Soldier, The Ghost, The Persian*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press [LCL 163].
- [MELO, Wolfgang de (ed.)]. 2012. PLAUTUS. *The Little Carthaginian, Pseudolus, The Rope*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press [LCL 260].
- [MELO, Wolfgang de (ed.)]. 2013. PLAUTUS. *Stichus, Three-Dollar Day, Truculentus, The Tale of a Travelling Bag, Fragments*. Ed. e trad. Wolfgang de Melo. Cambridge, Ma/London: Harvard University Press [LCL 328].

PUBLÍLIO SIRO:

- [de LACHAPELLE, Guillaume Flamerie (ed.)]. 2011. PUBLILIUS SYRUS. *Sentences*. Ed. e trad. Guillaume Flamerie de Lachapelle. Paris: Les Belles Lettres.

TERÊNCIO:

- [MAROUZEAU, Jules (ed.)]. 1947. TÉRENCE. *Comédies*: tome I, Andrienne, Eunuque. Paris: Les Belles Lettres.
- [MAROUZEAU, Jules (ed.)]. 1956. TÉRENCE. *Comédies*: tome II, Heautontimoroumenos, Phormion. Paris: Les Belles Lettres.
- [MAROUZEAU, Jules (ed.)]. 1949. TÉRENCE. *Comédies*: tomo III, Hécyre, Adelphe. Paris: Les Belles Lettres.

VARRÃO:

As citações de Varrão seguem a edição de ASTBURY 2002 para as menipeias, e a de MELO 2019 para o *De lingua latina*.

[ASTBURY, Raymond (ed.)]. 2002. M. TERENTIVS VARRO. *Saturarum menippearum fragmenta*. Ed. R. Astbury. Leipzig: Saur.

[CANAL, Pietro; BRUNETTI; Federico (ed.)]. 1874. M. TERENCEIO VARRONE. *Libri intorno alla Lingua Latina / Frammenti*. Ed. e trad. P. Canal. / Ed. e Trad. Federico Ab. Brunetti. Venezia: Tipografia di Giuseppe Antonelli.

[MELO, Wolfgang David Cirilo de (ed.)]. 2019. VARRO. *De Lingua Latina*. Ed., trad. e com. Wolfgang David Cirilo de Melo. Oxford: Oxford University Press.

2. ESTUDOS:

ACOSTA-HUGHES, Benjamin. 2002. *Polyeideia: the iambs of Callimachus and the archaic iambic tradition*. Los Angeles, Ca: University of California Press.

BAKHTIN, Mikhail. 1984. *Problems of Dostoevsky's Poetics*. Trad. Caryl Emerson. Minneapolis/London: University of Minnesota Press.

BEARE, W. 1926. *Flos delibatus populi suadaeque medulla*. *The Classical Review*, n. 40 (6), p. 192.

BOLTON, James David Pennington. 1962. *Aristeas of Proconnesus*. Oxford: Clarendon Press.

CONNORS, Catherine. 2004. *Monkey Business: imitation, authenticity, and identity from Pithekoussai to Plautus*. *Classical Antiquity*, n. 23 (2), p. 179-207.

CORRÊA, Paula da Cunha. 2010. *Um Bestiário Arcaico: fábulas e imagens de animais na poesia de Arquíloco*. Campinas: UNICAMP.

COZZOLI, Adele-Teresa. 1995. *Poesia satirica latina e favola esopica (Ennio, Lucilio e Orazio)*. *Rivista di cultura classica e medioevale*, n. 37 (2), p. 187-204.

- DAMON Cynthia. 1997. *The Mask of the Parasite: a pathology of Roman patronage*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- DEUBNER, Ludwig. 1953. Die Saturae des Ennius und die Jamben des Kallimachos. *Rheinisches Museum für Philologie*, n. 96 (4), p. 289-292.
- ERLER, Anette. 1986. Zur Geschichte des Spruches *Bis dat qui cito dat*. *Philologus*, 130, p. 210-220.
- ERNOUT, Alfred. 1953. *Morphologie historique du latin*. Paris: Klincksieck.
- ESPOSITO, Paolo. 2002. Commentario al Libro II. In: QUINTO ENNIO. *Annali*: volume II, libri I-VIII. Com. Enrico Flores, Paolo Esposito, Giorgio Jackson, Domenico Tomasco. Napoli: Liguori, p. 65-82.
- GODEL, Robert. 1984. Rudis et graecis intacti carminis auctor (Horace, serm. I 10, 66). *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 38, p. 235-39.
- GOUJARD, Raoul. 1970. *Politio, politor* (Caton, Agr. 136). *Revue de Philologie*, n. 44, p. 84-92.
- GRATWICK, Adrian S.. 1982. The satires of Ennius and Lucilius. In: E. J. KENNEY; W. V. CLAUSEN (ed.). *The Cambridge History of Classical Literature: II, Latin Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 156-71.
- HOOLEY, Daniel M.. 2007. *Roman Satire*. Oxford: Blackwell.
- HOUSMAN, Alfred Edward. 1934. Ennius in Pers. VI 9. *The Classical Review*, n. 48 (2), p. 50-51.
- JACKSON, Giorgio. 2006. Commentario al Libro X. In: QUINTO ENNIO. *Annali*: volume IV, libri IX-XVIII. Com. Enrico Flores, Paolo Esposito, Giorgio Jackson, Mariantonietta Paladini, Margherita Salvatore e Domenisco Tomasco. Napoli: Liguori, p. 141-282.
- JACKSON, Giorgio. 2009. Commentario (vv. 475-553). In: QUINTO ENNIO. *Annali*: volume V, frammenti di collocazione incerta. Com. Giorgio Jackson e Domenisco Tomasco. Napoli: Liguori, p. 65-349.

- JOCELYN, Henry David. 1972. The Poems of Quintus Ennius. In: Hildegard TEMPORINI (ed.). *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt: Geschichte und Kultur Roms im Spiegel der neuen Forschung*, I, zweiter Band. Berlin/New York: De Gruyter, p. 987-1026.
- JOCELYN Henry David. 1977. Ennius, *Sat.* 6-7 Vahlen. *Rivista di Filologia e di Istruzione Classica*, v. 105 (2), p. 131-51.
- LAUSBERG, Heinrich. 1967. *Manual de Retórica Literaria*: tomo II. Trad. José Pérez Riesco. Madrid: Gredos.
- LEUMANN, Manu. 1963. *Lateinische Laut- und Formenlehre*. München: Beck.
- LUZZATTO, Maria Jagoda. 1984. Note su Aviano e sulle raccolte esopiche greco-latine. *Prometheus*, n. 10, p. 75-94.
- MAIURI, Arduino. 2013. Il Nord nel mondo greco-romano. *Rivista di cultura classica e medioevale*, n. 55 (2), p. 567-585.
- MARIOTTI, Scevola. 1991a. Gli *Annali* e l'arte di Ennio. In: IDEM. *Lezioni su Ennio*. Urbino: QuattroVenti, p. 63-88.
- MARIOTTI, Scevola. 1991b. Recensione all'*Ennius* degli Entretiens Hardt. In: IDEM. *Lezioni su Ennio*. Urbino: QuattroVenti, p. 147-154.
- MARIOTTI, Scevola. 1991c. Titoli di opere enniane. In: IDEM. *Lezioni su Ennio*. Urbino: QuattroVenti, p. 113-118.
- MUECKE, Francis. 2005. Rome's first "satirists": themes and genre in Ennius and Lucilius. In: Kirk FREUDENBURG (ed.). *The Cambridge Companion to Roman Satire*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 33-47.
- MUECKE, Frances. 2007. Ennio e Lucilio: la doppia nascita della forma satirica. In: Kirk FREUDENBURG; Andrea CUCCHIARELLI; Alessandro BARCHIESI. *Musa Pedestre: storia e interpretazione della satira in Roma antica*. Roma: Carocci, p. 37-57.
- MÜLLER, Carl Werner. 1976. Ennius und Äsop. *Museum Helveticum*, n. 33 (4), p. 193-218.
- NISBET, Robin G. M.; HUBBARD, Margaret. 1978. *A Commentary on Horace Odes, Book II*. Oxford: Clarendon Press.

- PETERMANN, August. 1851. Über die Satire des Q. Ennius. *Programm des Gymnasiums zu Hirschberg*, p. 1-23.
- PETERSMANN, Hubert. 1999. The Language of Early Roman Satire: its function and characteristics. *Proceedings of the British Academy*, v. 93, p. 289-310.
- PIERINI, Rita Del'Innocenti. 2013. Ennio, Scipione e la patria: in-terpretazione e fortuna (Virgilio, Orazio, Claudiano) di Ennio Var. 6-8 V.2 (= VI op. cit. Sk.). *Sileno: rivista semestrale di studi classici e cristiani*. n. 29 (1-2), p. 115-132.
- POLÁKOVÁ Mariana. 2012. Ennius Collection *Satura(e)*. *Graeco-Latina Brunensia*, n. 17 (2), p. 171-79.
- van ROOY, Charles A. 1965. *Studies in Classical Satire and Related Literary Theory*. Brill: Leiden.
- RUSSO, Alessandro. 2001. Iambic Presence in Ennius' *Saturae*. In: A. Cavarzere, Antonio Aloni; Alessandro Barchiesi (ed.). *Iambic ideas: essays on a poetical tradition from archaic Greece to the late Roman Empire*. Lanham: Rowman & Littlefield, p. 99-115.
- SOMMERSTEIN, Alan H. (ed.). 1981. *The Comedies of Aristophanes: volume 2*. Warminster: Aris and Phillips.
- TOMASCO, Domenico. 2006. Commentario al Libro IX. In: QUINTO ENNIO. *Annali: volume IV, libri IX-XVIII*. Com. Enrico Flores, Paolo Esposito, Giorgio Jackson, Mariantonietta Paladini, Margherita Salvatore e Domenisico Tomasco. Napoli: Liguori, p. 39-139.
- WASZINK, Jan Hendrik. 1971. Problems concerning the *Satura* of Ennius. In: O. SKUTSCH (ed.). *Ennius: sept exposés suivis de discussions*. Vandoeuvres-Genève, p. 97-147.
- WEBB, Robert Henning. 1912. On the Origin of Roman Satire. *Classical Philology*, n. 7 (2), p. 177-89.
- WELSH Jarret T.. 2013. The Text of Ennius' Portrait of a Parasite. *Phoenix*, n. 67 (1), p. 107-18.
- WITTE, Kurt. 1926. Der Hexameter des Ennius. *Rheinisches Museum für Philologie*, n. 69, p. 205-32.